

# **PONTE ESTREITA EM CURVA SINUOSA**

# UFRB

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECONCÂVO DA BAHIA

REITOR

Paulo Gabriel Soledade Nacif

VICE-REITOR

Silvio Luiz de Oliveira Soglia



**Editora UFRB**

SUPERINTENDENTE

Sergio Augusto Soares Mattos

CONSELHO EDITORIAL

Alessandra Cristina Silva Valentim

Amilcar Baiardi

Carlos Alfredo Lopes Carvalho

Fabio Santos de Oliveira

Ósia Adexandrina Vasconcelos Duran Passos

Rosineide Pereira Mubarack Garcia

Sergio Augusto Soares Mattos (presidente)

SUPLENTES

Ana Critina Vello Loyola Dantas

Geovana Paz Monteiro

Jeane Saskya Campos Tavares

EDITORIA FILIADA À



Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias

Aquilino Paiva

**PONTE ESTREITA  
EM CURVA SINUOSA**



UFRB

*Cruz das Almas - Bahia*

2012

Copyright © 2012 by Aquilino Paiva  
Direitos para esta edição cedidos à EDUFRB

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme  
decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio,  
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Revisão: Lélia Maria Sampaio  
Diagramação: Luiz Carlos Júnior  
Capa: Cristiano Maia  
Foto: Felipe Thomaz

P142 Paiva, Aquilino  
Ponte estreita em curva sinuosa / Aquilino Paiva. –  
Cruz das Almas/BA : UFRB, 2012.  
95 p.

ISBN 978-85-61346-21-8

1. Contos. 2. Literatura brasileira I. Título.

CDD 869.3



**Editora UFRB**

Campus Universitário  
Rua Rui Barbosa, 710, Centro  
4438-000 Cruz das Almas BA  
Tel.: (75) 3621-1293  
*[gabi.editora@ufrb.edu.br](mailto:gabi.editora@ufrb.edu.br)*

## SUMÁRIO

Apresentação	09
Sangue do açougueiro	11
Uma notícia para Candice	19
Mau perdedor	23
O eletricista	27
Cemitério	35
O Pacto	39
O caso do outdoor	47
O espelho	57
Punhal de prata	59
Tragédia no Edifício Atlântida	63
O quinto suicídio de Sabrina Miranda	67
Joana e Avelino	71
O ator	75
Lôro D'água	79
Os gatos de dona Antônia	87



*A Inda, leitora primeira. Por tudo.*

*Ao amigo Jailson Alves, pela idéia que,  
de alguma maneira, resultou neste livro.*





# Espinho desde pequeno pinica

Reheniglei Rehem\*

Lá pelos idos da década passada, eu já observava com atenção a qualidade da produção escrita de Aquilino Paiva que, enquanto meu aluno de Literatura, do curso de Letras, da Universidade Estadual de Santa Cruz, já se destacava pelo senso de humor e o dom da escrita, agora confirmados com esta sua primeira publicação, *Ponte Estreita Em Curva Sinuosa*.

Anunciar para o leitor que a reunião destes textos pode ser caracterizada como sendo do gênero conto, é tratar da sua própria origem: a da “estória”, contada neste livro, composto por 15 contos, de forma breve que economiza meios narrativos, mediante a contração de impulsos criativos do seu autor.

Neste trabalho, Paiva apresenta histórias com originalidade e peculiaridades de observação do cotidiano pleno de ações praticadas por seus personagens que, cada um a sua maneira, compõe a linha de ação da obra permeada por enredos construídos pelo casual e o episódico, ao mesmo tempo em que adquire realce em torno da qual se desenvolve o relato curto, com final surpreendente e muitas vezes engraçado.

Por outro lado, essa condensação de recursos e das fibras do narrar, construídas com unidade de efeito, flagram momentos especiais da vida, com repertório do cotidiano em simetria às experiências e observações do narrador numa sequência que motivará o desdobrar das páginas do leitor de forma conscienciosa e entusiasmada.

Portanto, está reproduzido neste livro de contos de Aquilino Paiva, um trabalho de artista da palavra que certamente irá compor e enriquecer a galeria dos escritores da literatura sul - baiana.

\*Professora da UESC. Doutora em Teoria Literária.



## **sangue do açougueiro**

A faca cruzou o ar, num movimento que até aí passaria despercebido, já que tantas facas se mexiam freneticamente no açougue. Mesmo de tantos tamanhos diferentes, muitas bastante grandes e também ensanguentadas, ali as facas não pareciam ameaçadoras. Afinal, dia após dia, entra ano e sai ano, ali só se corta bicho, desses bichos que já nascem para ser mesmo cortados, desossados, fatiados e até moídos. Faca, facão, peixeira, machado, cutelo, tudo que é tipo e jeito para o talho mais preciso e eficaz. Uma faca no ar, a mais ou a menos, até ali não fazia diferença. Em comum, afiadas, afiadíssimas, todas elas. A pedra de amolar fica bem no meio do balcão, e toda faca é passada na pedra dia a dia, ou várias vezes por dia. A pedra não se corta, mas fica lisinha, vai se gastando aos poucos, quase virando uma escultura, quase tomando uma forma, por pouco não é um rosto humano, uma parte do corpo de uma mulher, um objeto visível, quase obra de arte.

Do lado de fora, os cachorros disputavam os restos de carne. Na feira do centro comercial a comida era farta para os vira-latas. Carne de boi, de galinha, peixe, ossos e outras coisas que o comércio fazia de lixo, para a cachorrada era um banquete, ainda que tudo aquilo possa parecer nojento aos mais sensíveis. Aos olhos e aos narizes, sem dúvida, pois se misturavam os odores dos bichos mortos com frutas, verduras, flores estragadas e outras podridões. E, com tanta fartura de restos, eram muitos os cachorros; e a toda hora começava uma briga ruidosa, umas que se resolviam tão rapidamente

como começavam e outras que se agigantavam em selvageria e que se fazia necessário que um feirante saísse de vassoura para bater nos bichos e dissipar a luta. De todo modo, mesmo que o ambiente não parecesse muito agradável, pode-se dizer que os cachorros levavam uma boa vida ali pelo mercado da carne.

Diz a sabedoria do povo, essa sabedoria que tanto erra quanto acerta, que os cachorros ficam parecidos com os seus donos, e poderíamos pensar também que os donos vão ficando parecidos com seus cachorros. Complica-se nos casos como dos cachorros da feira da carne do centro comercial, já que aqueles, aparentemente, não têm dono algum. Aparentemente, porque cachorro, diz a zoologia, é invenção mais do homem que da natureza e não existe cachorro, como os vira-latas da feira, em estado selvagem vivendo em nenhuma floresta, geleira ou deserto. Deste modo, o mais abandonado dos cães é, em última instância, resultado desta estranha ligação com os humanos. Os bichos da feira, não sendo de ninguém, seriam de todos ali, daquele mercado, e com todos se parecem, vendedores e fregueses, assim como os felizardos cãezinhos das casas e apartamentos, tratados a ração e banhos de xampu, se parecem com seus donos em corpo, face, jeito, temperamento, humor e estilo de vida.

Sangrou o dedo de Ivan, o açougueiro, no erro da faca ao cortar a gordura da picanha. Dona Neide fez graça “e açougueiro também se corta?”, ”se corta sim senhora”, Ivan respondeu sorrindo, como se não tivesse doído nada. Ivan, bom sujeito, brincalhão, mangava de todo mundo e preferiu primeiro responder à brincadeira de dona Neide para só depois sentir dor. Rapidamente lavou o dedo ferido e voltou ao balcão para continuar com o pedido de dona Neide, “corta em pedaços pra churrasco”, pediu. Quis também frango, costelas de porco e linguiça, pois o churrasco seria pra muita gen-

te. Ivan atendia ao mesmo tempo em que enxugava e limpava o dedo cortado em um pano muito sujo, como tudo e todos por ali. Se a freguesa sentiu nojo do sangue do açougueiro, deve ter pensado algo como “vai tudo pro fogo mesmo”, e depois pegou sua sacola, pagou a compra no caixa e foi saindo do estabelecimento.

Foi também num churrasco, este feito pelos funcionários do açougue depois do baba de domingo, que Nice, mulher de Ivan, reparou em Silvano, também açougueiro, bons colegas os dois. Nice, aquela gostosura de preta, trinta e poucos anos em plena forma de peitos, coxas e curvas, mesmo depois de dois filhos, sempre charmosa, simples como mulher de açougueiro, mas de sandália certa, combinando com a blusa florida e uma bermuda justa de modo que homem nenhum poderia pensar noutra coisa que não fosse sexo. E não foi noutra coisa que Silvano pensou quando reparou de cima a baixo. Olhar uma mulher uma vez é coisa mais que natural, é só apreciando, ninguém se chateia se o olhar não demorar demais. Na segunda olhada já é olho no olho, e nesta condição, com marido por perto, também é coisa ligeira, quase acidente, e de olhada em olhada, umas que se cruzam e outras não, vai se fazendo uma comunicação. Sendo Ivan, Nice e Silvano quem são e a situação sendo aquela ali, não se teria passado de olhares, aproveitados e interessados, mas logo depois esquecidos. O problema foi que o acaso fez com que os dois, Nice e Silvano se encontrassem logo no dia seguinte, no ônibus, pela manhã, com uma chuva fina caindo na cidade. Tanto um quanto o outro perceberam a oportunidade e não pretendiam desperdiçá-la. Se uma – como fazem as mulheres – fez-se de desentendida deixando claro o entendimento, o outro não deixou dúvidas nas intenções. E se diferentes são as estratégias de sedução, foi de comum acordo e igual vontade que se encaminharam à casa de Silvano e aproveitaram aquela

hora e meia. Ivan estava no trabalho, as crianças na escola, Silvano estava de folga naquela manhã e a chuva fina parecia acobertar o que tinha de ser feito às escondidas, cúmplice do que devia ser clandestino.

Dona Neide, enquanto escolhia tomates, alfaces, cebolas e outros vegetais, coadjuvantes na mesa onde a carne é a estrela principal, recapitulava os passos para que o almoço em preparação fosse bem sucedido. Imaginava os belos pedaços de carne sobre a tábua. Pensou se tinha uma boa faca para cortar as tiras fininhas na hora de servir. Um churrasco feliz serve bem a cada convidado, ao que prefere a carne bem passada, esturricada mesmo, ou ao ponto, ou ainda ao que gosta mal passada, quase crua, de cor ainda vermelhinha, de sangue ainda a descer no ato do corte. Perguntou-se se tinha os espetos em número necessário e, ao pensar nos espetos, vislumbrou-os como aquela maravilha sobre a brasa, fartos, com tiras de gordura fervilhando, derretendo, escorrendo como lava sobre a carne e pingando na churrasqueira, atizando as labaredas e enchendo o ar com o aroma inescapável dos bichos assados, cheiro que se espalha pelas casas vizinhas e pela rua, despertando fome e desejo em quem atingisse. Seguiu pensando no que se tem em casa, no que falta para o primitivo banquete: é preciso comprar carvão.

Quanto a Nice e Silvano, tal como os olhares poderiam ficar nos olhares, aquele momento de prazer poderia não ter passado de um momento, não fosse tão bom para os dois. Safadeza tem que ser boa, é da própria lógica, mas se é bom demais pode-se perder a conta. E então deu vontade, tanto em Nice quanto em Silvano, de se fazer de novo, de novo e de novo, de modo que o olhar divertido e a trepada fugidia virou um caso arrebatador, pois a carne e a gulodice sempre caminham juntas, tanto nas mesas quanto nas camas. Nos três meses seguintes os dois se encontravam pelo menos duas

vezes por semana e a paixão é também descuidada. Logo alguém viu. Alguém contou. Alguém repassou. O fato correu e o açougue todo já estava sabendo, até o dono, até as costelas de carneiro penduradas em ganchos estavam sabendo, até o relógio da parede estava sabendo. Só Ivan não sabia de Nice e Silvano.

Não sabia até brincar com a pessoa errada. Quando Gilson chegou atrasado para o trabalho e trouxe com ele os problemas de casa, as dívidas e a goleada que seu time tinha levado no dia anterior, quatro a um com gol impedido no finalzinho do segundo tempo, Ivan, se achando engraçado e simpático, gritou “ê, vascaíno, isso é hora de chegar no trabalho? É a ressaca da surra que seu time levou ontem, não é?” E Gilson respondeu no ato: “Não se mete na minha vida, seu corno”.

Ao som da palavra “corno” todos pararam por um segundo o que estavam fazendo e olharam para Ivan, que também olhou para todo mundo e a cada olhada seguia-se o disfarce e a volta pra o que se estava fazendo, como se fosse uma coreografia ensaiada. “O que é isso, Gilson? Tô brincando com você, meu irmão”, “brincando o caralho, eu não tenho brincadeira com corno”, “que papo de corno é esse, velho?”, “vai dizer que não sabe? Se não sabe eu digo agora, porque aqui todo mundo já sabe. Silvano, esse daí, come sua mulher e já faz é tempo”.

Temendo o rumo que a conversa tomava, Silvano, de faca em punho, antes para o trabalho com a carne, agora já estava preparado para o pior. Como seria de se esperar, faca de um e do outro se ergueram no ar. Açougue não deve ser bom lugar para uma briga desta ordem, onde um é corno e o outro é o que corneia, se é que pode existir lugar apropriado para tal disputa.

A mão de Ivan estava no ar, no movimento da faca,

quando Nice pisou no açougue, pois tinha combinado com o marido de ir pegar qualquer coisa que faltava em casa. No corte profundo no braço de Silvano, no grito agudo de Nice, no primeiro movimento dos outros para a fuga, no caso dos medrosos ou para apartar a briga, no caso dos insensatos, um cachorro abocanhou a perna de Nice. Antes do primeiro golpe, os cães, bichos sensíveis ao perigo, certamente pressentiram os ânimos que estavam prestes a irromper por ali. Dizem, ninguém sabe ao certo, que estas criaturas captam o cheiro das emoções humanas, como o medo e a raiva, talvez até sintam também o cheiro da compaixão, do amor e da bondade e, por isto, já sabiam da facada que estava por vir. Ao grito de Nice, reagiram do jeito que sabem, às dentadas, enfurecidos.

Dona Neide levava sua sacola cheia de carne quando ouviu a gritaria e a multidão que se formava na porta do açougue. “É briga!” ouviu de alguém que corria pra ver, e ficou de longe, observando, curiosa, mas com medo do tumulto.

Silvano ainda devolveu a facada a Ivan, antes que se estabelecesse no pequeno açougue a confusão geral de gritos de fregueses, cachorros brigando, latidos, rosnados, empurrões e choro de criança. De modo que, no caos de sangue e barulho, a luta dos dois homens enciumados não foi muito longe, não passou de três ou quatro facadas, pois, um combate desta natureza, por mais estranho que possa parecer, precisa de uma mínima ordem e condições favoráveis. Ao perceberem Nice atacada pelos cães, preferiram interromper a contenda e acudir a mulher amada, partindo os dois a dispersar os cachorros com pontapés tão raivosos quanto às facadas que acabavam de desferir.

E assim, mesmo com tantos feridos de facadas e dentadas, ninguém teria morrido em função da briga do açougue. A única vítima fatal foi dona Neide, atropelada justamente pela ambulância que entrou na feira em altíssima velocidade, como



é de hábito das ambulâncias e viaturas em geral. O churrasco da família foi cancelado de forma trágica, mas as carnes, em pedaços, de outros já mortos antecipadamente, como bois, frangos e porcos, se espalharam pela rua da feira, para alegria dos cachorros que souberam apreciar o banquete que, quase por acaso, lhes fora oferecido.



## uma notícia para candice

Como de costume, conversaram mais ou menos sobre as mesmas coisas. Os preços do supermercado, produtos para cabelo, os acontecimento das novelas de televisão, a criminalidade, os candidatos para as próximas eleições, o calor insuportável, uma nova receita saborosa e saudável em tempos que é preciso cuidar da saúde. Também do trabalho no hospital, agora reduzido a três dias por semana, a idade exigia baixar o ritmo, era melhor que a aposentadoria. A visita de Lourdinha, que acontecia quase toda semana, era sempre divertida para Candice, que preparava cuidadosamente um lanche a dividir com a amiga e, deste jeito, rompia momentaneamente a rotina tediosa que levava aos sessenta e três anos.

Foi já na saída do portão, ao se despedirem, que Lourdinha lembrou-se de um último assunto: “Ah, minha amiga, sabe quem morreu? Você deve se lembrar dele, Otávio, irmão de Raquel”.

Candice parou por um instante, enquanto tentava disfarçar o susto. “Sei, é claro. Lembro sim. Fazia tempo que eu não via”. A conversa ganhou mais uns dois minutos para dar conta da causa da morte, de quando foi o acontecido, se era ou não uma boa pessoa, e mortos geralmente são boas pessoas.

O portão foi fechado vagarosamente. Eram ainda cinco da tarde, mas Candice passou o cadeado, certa de que não sairia mais de casa naquele dia, ainda que tivesse o hábito de sair no início da noite para comprar pão e andar pelo bairro.

Caminhou entre as plantas do pequeno jardim, observando-as, não por interesse, mas porque simplesmente era sempre desse modo que caminhava do portão até a entrada da casa. Fechou a porta também do jeito que se fecha até o dia seguinte. Andou até o quarto e, finalmente, como quem termina uma longa viagem, deitou-se na cama, como nunca faz àquela hora, com a roupa que nem era de dormir, sem retirar a colcha nem ajeitar o travesseiro.

Com os olhos abertos para o quarto mal iluminado pela penumbra do fim de tarde pôs-se a pensar em Otávio, seu amor de adolescência que a acompanhou por toda a vida. Dedicou-se a conquistá-lo por mais de um ano, naqueles tempos. Enfeitou-se como podia, mandou bilhetes, recados pelas amigas. Manteve-se por perto, tentou provocar sua atenção, efetuou planos ridículos para seduzir o então rapaz. De nada adiantou. Otávio jamais se interessou por Candice, viajou a estudos para a capital, voltou casado, teve filhos e uma vida tranquila. Encontravam-se de quando em vez, pelas ruas do comércio ou em situações fortuitas e se cumprimentavam amigavelmente, como fazem aqueles velhos conhecidos que já não têm nada em comum.

Mas Candice estava aprisionada para sempre. Não o esquecia, não o desamava. Oportunidade ela teve, pois, das tentativas de atrair o amado ficou o aprendizado e o prazer em ser bonita e arrumada. Muitos quiseram, mas os relacionamentos eram rápidos e fugazes, apenas pela curiosidade do sexo, sem qualquer intenção duradoura. E não foram poucos, pois os homens a divertiam e a ela sobrava a vontade ferosa da juventude. A bem da verdade, seu amor idealizado e sua beleza acabavam por lhe dar um controle sobre os homens, poder que ela utilizava como um brinquedo erótico sem maiores objetivos. A possibilidade de ter seu Otávio cada vez mais parecia uma fantasia e não uma esperança. Ainda assim, o

amor não passava.

Pela primeira vez, Candice se perguntou se não houvera perdido tempo, todo o tempo da sua vida por um sentimento tolo. Perguntou e respondeu: não. Nunca foi enganada, nem por ninguém nem por si mesma. Cultivava o que sentia de modo consciente e pleno, quase calculado, como só as mulheres calculam o amor. Nunca foi vítima, nem do morto, nem sequer das enganações do próprio afeto, pois, se quisesse, poderia ter feito tudo diferente. Sabia bem o quanto transitava entre a paixão e a desesperança e era soberana no seu reino particular de frustração e romantismo barato.

Passou a mão pelo próprio corpo até parar sobre os pêlos da vulva, alisando-se carinhosamente, sensual e piedosa consigo mesma. Onde estava Otávio, concretamente, em sua história, em sua carne, em sua vida, perguntou-se. Em lugar algum. Deitada na cama, com a mão esquecida entre as pernas, percorreu a casa com o pensamento. Passou em cada canto da casa, banhada pela luz fraca do fim do dia. Examinou cada armário em busca de uma lembrança de Otávio. Nada existia. Sabia da casa em detalhes, inclusive o que, naquele momento, estava fora de lugar, como as xícaras sujas na pia e o controle remoto da televisão em cima da mesa, ao invés de estar ao lado do aparelho. Da cama, olhos mirando o nada, via qual móvel estava empoeirado e cada óculos ou relógio quebrado, sepultados em gavetas sombrias. Do homem amado nenhuma carta, nem foto, nem presente, mecha de cabelo, peça de roupa esquecida, disco de música. Uma ausência inacreditável. Otávio, agora morto, só existiu em sua cabeça. Candice percebeu o quanto o amor é sempre uma dúvida.

Então, e só então, Candice sentiu medo. Medo de que aquele amor se dissipasse. Nunca teve medo do insucesso, da própria solidão, do desamor de Otávio. Mas agora, aquela notícia de morte ameaça o que existia dentro dela e a fazia nobre,

grandiosa. O medo não era pelo morto, mas de que um pedaço da sua própria humanidade desaparecesse. Disto, Candice nunca se precaveu. Os anos se passaram e ela esqueceu-se do fim óbvio e inevitável. Criticou-se por não prever essa possível notícia, e percebeu que a morte de Otávio anunciava a sua própria. Sim, morreria um dia, e que estranho nunca ter pensado seriamente nisto, parecendo que o amor perpetuou a sensação de imortalidade que é privilégio dos jovens. Sim, morrer, mas não agora, não hoje.

Candice adormeceu tranquila e triste entre estes pensamentos. Levantou-se muito cedo no dia seguinte, talvez lenta e algo atordoada, mas bem-disposta. De todo jeito, como fosse, a vida seguiria. Antes de tomar o café da manhã alimentou os peixes do aquário e foi regar as plantas do jardim.

## **mau perdedor**

Lá vão aqueles quatro moleques. Célio, Pi, Bujão e Tonho da Jega, só andam assim, os quatro, empençados. Tudo virado no capeta. Têm mãe, têm casa, mas são criados na rua. Deu no que deu.

Eu até gosto destes pestes. Não são malandros, não. Passam aqui na porta da venda fazendo zoada, mas sempre falam com os mais velhos, “dona Neide”, eles chamam, e de vez em quando eu dou uns caramelos, uns pirulitos pra eles. Se ficam de algazarra eu os mando sair “circulando, circulando”, dou uns par de grito e eles vão-se embora. Quando eu preciso, peço a um pra ir dar um recado, levar uma encomenda e até buscar um pagamento, dá pra confiar.

Eu sei que todo dia eles se ajuntavam debaixo da jaqueira, na curva da linha do trem e ficavam lá. Daqui de longe, da porta da venda, eu só conseguia ver que estavam brincando de gude. Dava até pra ouvir quando gritavam mais alto, sabe como é... Menino briga e brinca o tempo todo. Não é que era bonita, aquela vista? O solzinho no finzinho da tarde, a curva do trilho, a jaqueira e os meninos traquinando por ali, eu gostava de ver, mas não ficava prestando atenção porque tinha também que atender o povo que chega na venda.

Menino tem arte do cão! Não tem criatura mais perversa do que menino neste mundo. Adoram matar passarinho, judiar de gato, jogar pedra em cachorro, fazem buraco nas portas pra curiar as moça tomando banho, abusam doido pra depois sair correndo, gostam de se pendurar na traseira de

caminhão, mexer com fogo, subir em telhado, se meter em lugar perigoso, por isso vivem se estropiando. Mas isso todo mundo sabe.

O que ninguém se deu conta é que, naquele jogo de gude tinha sempre um que ficava amarrado no trilho. É verdade, a gente pensa que já viu de tudo nessa vida, mas menino é bicho malvado demais. Era assim: o que perdia no jogo ficava amarrado pela mão e a outra mão ficava amarrada nas costas, que era pra não poder se soltar sozinho. Aí os outros três jogavam e o que perdia ia ficar preso amarrado no lugar do que estava antes. Mesmo com os outros por ali, isso aumentava o perigo, acho que era assim, que é assim que menino gosta. Se a brincadeira não for arriscosa, não presta.

É por isso que o jogo de gude na jaqueira era sempre de tardezinha. O trem passa justo nessa hora. Na curva, o maquinista não vê nada e nada poderia fazer. Tudo pensado, esses menino. No barulho do trem chegando, sempre tinha um amarrado e os outros tinham que acudir ligeiro. Veja que maquinação do demônio.

Não tá vendo que isso não ia dar certo? E não deu mesmo. Um dia dessa brincadeira, Pi tava amarrado e reclamou que o jogo foi roubado. Ficou xingando os outros de ladrão, ladrão. Na brigalhada deles, os outros três fizeram que iam embora e deixaram o Pi lá amarrado. Isso foram eles que contaram depois. Disseram que estavam por perto, que foi só pra dar um susto, pra meter medo no que tava reclamando e que na hora que o trem fosse chegando iam acudir o coitado.

Eu acho que eles não tavam mentindo, não, na cabeça deles era isso mesmo. Menino não tem ideia do perigo, nem que maldade é maldade. Disseram depois que se esconderam pra meter medo no que não sabia perder, se distraíram com outra coisa, parece que foram mexer com uma sopã de pegar passarinho e se esqueceram do amigo com a mão amarrada.



Apois... O trem passou com tudo. Eu tava lá dentro na hora, vendo a novela das seis, só ouvi o barulhão do trem e depois os gritos do menino e aí eu vim pra porta. Foi um sangueiro disgramado. O menino passou aqui na porta da venda correndo, sem a mão, igual a um doido, coisa feia de se ver. Levaram ele pro hospital e, fora a mão que perdeu e um pedaço do braço, o moleque ficou bem. Os quatro continua tudo amigo, brincando do mesmo jeito, menos lá na jaqueira que ninguém mais deixa. Ah, e os outros ainda ficam botando apelide no pobre do maneta. Menino não é gente.



## O eletricista

O anúncio não dava muitas informações sobre o emprego. Dizia apenas que a vaga era para eletricista com experiência e o endereço. O bastante para um classificado de jornal.

Já fazia um tempo que Bernardo vivia de pequenos serviços avulsos. Para um bom eletricista nunca falta trabalho. Desde pequenos problemas domésticos até serviços maiores como construções de prédios, quando uma instalação elétrica pode render um bom dinheiro. Mas Bernardo via a necessidade de uma renda fixa para resolver melhor as despesas do mês. A prestação da casa, as contas, o supermercado... Tudo exigia dinheiro no dia certo. Um emprego seria bom.

Não foi sem um certo espanto que constatou que o endereço informado no anúncio era o presídio da cidade. Na guarita à entrada, perguntou ao guarda para onde poderia se dirigir a fim de tratar do emprego. O guarda indicou-lhe a direção da administração do presídio. Na porta, cumprimentou mais dois guardas com um tímido “bom dia!”. Ao entrar foi atendido por uma recepcionista de rosto muito sério, que o pediu para esperar um instante. A recepcionista séria falou ao telefone com um certo doutor Everaldo, informando-o de que havia um candidato à vaga de eletricista. Desligou o telefone e, com um sorriso ainda sério, disse que Bernardo poderia entrar na sala ao fim do corredor. O diretor o atenderia.

O diretor do presídio se levantou quando Bernardo entrou no escritório. Era uma sala simples, mas bem cuidada e

arrumada. Paredes claras com quadros bonitos nas paredes. Um vaso com uma planta perto da janela e fotos de família em dois porta-retratos sobre a mesa. O diretor estendeu a mão com um sorriso:

– Bom dia, senhor Bernardo!

– Bom dia doutor... Everaldo, correto?

– Sim, sou eu mesmo. Pode se sentar, seu Bernardo.

Diga-me, há quanto tempo o senhor é eletricitista?

– Tenho quinze anos de profissão, doutor.

– Hum... Muito bom. Já trabalhou em muitos lugares, empresa grande?

– Sabe como é, doutor... Este serviço é sempre de empreitada, alguns meses. Mas já trabalhei em obra grande, sim, construtora, até para hidrelétrica.

– Certo, certo. O senhor trouxe seus documentos, currículo, essas coisas?

– Sim, senhor, tá tudo aqui.

– Então o senhor pode deixar tudo ali com a dona Célia, a pessoa que atendeu o senhor na recepção. Nós vamos avaliar sua documentação, ver os outros candidatos e entramos em contato. Vai ser rápido, a gente precisa resolver isso logo, coisa de dois dias.

Bernardo levantou-se e estendeu a mão para o diretor.

– Muito obrigado, então, doutor, eu fico no aguardo.

– Eu que agradeço, senhor Bernardo, tenha um bom dia.

De fato, já no dia seguinte, dona Célia telefonou informando que Bernardo poderia comparecer ao presídio para a contratação imediata. Muito satisfeito, Bernardo chegou ao prédio no início da tarde. Assinados os papéis da contratação, foi-lhe solicitado que se dirigisse à sala do doutor Everaldo, que gostaria de conversar mais um pouco sobre o trabalho.

– Seu Bernardo, seja bem-vindo! Vamos. Vou lhe mos-

trar o seu lugar de trabalho.

Enquanto caminhavam por um corredor mal iluminado, o diretor falava:

– Veja bem, meu amigo, seu trabalho é muito simples. Na verdade, o senhor vai trabalhar muito pouco aqui. Vai ser chamado de vez em quando. Poderá passar semanas e semanas sem vir ao presídio. O senhor deve estar se perguntando por que não chamamos um eletricista somente quando necessário para cada serviço que aparece, não é?

– Na verdade, pensei sim, doutor.

Chegando ao final do corredor, o diretor abriu uma pesada porta de ferro. Ligou as lâmpadas do local e foram entrando. No centro da sala estava a cadeira elétrica, cinzenta, metálica e imensa, ligada a muitos fios.

– Eu nunca tinha visto uma dessas. Quero dizer, só em filme. Disse Bernardo, admirado.

– Pois é, seu Bernardo. Nem é preciso dizer pra que serve isso aqui, não é? Por isso precisamos de um eletricista contratado.

– Mas eu vou ter que ligar isso, doutor?

– Não, não, seu Bernardo, de jeito nenhum. – disse o diretor, rindo – Deixe eu explicar. O senhor apenas estará aqui na hora necessária. Tem que ter um eletricista de plantão aqui, caso tenha alguma emergência, algum defeito na instalação. Não pode dar nada errado na hora deste troço funcionar. Tem família, imprensa, o pessoal da justiça, juiz, advogado, promotor, o escambau. Mas quem liga essa coisa é o oficial de justiça, o carrasco, como a gente chama. Não se preocupe, o senhor não vai fritar ninguém. – Riu novamente o diretor. Bernardo riu também, tentando ser simpático. Aquele riso de quem não está achando nada muito engraçado. O diretor continuou com a explicação:

–É assim: O sujeito é condenado. Passa-se um tempo,

não sei bem por que é que demora tanto se o infeliz vai morrer mesmo. São os trâmites da lei, essas coisas. Aí o juiz determina o dia da execução e manda o aviso pra cá, uns quinze dias antes. A gente então chama o senhor, que tem que chegar bem antes para verificar se tudo está funcionando direitinho e depois acompanhar o andamento das coisas. Tem um pessoal da funerária que limpa tudo e encaminha o infeliz, já morto. O senhor só toma conta da segurança pra ninguém tomar choque, pra não ter nenhum acidente. Depois desliga tudo e pode ir embora.

O diretor avisou que havia uma execução marcada para dali a uns dez dias. Como ficou combinado, Bernardo estava no local três horas antes. Sozinho nas instalações iniciou seu trabalho. Conferiu as ferramentas necessárias, testou a voltagem da corrente elétrica, examinou todos os fios e ligações até a cadeira. Munido de alicates, chaves e medidores, verificou os pontos de descarga elétrica, principalmente a coroa que aplica a corrente na cabeça do condenado. Tudo devidamente certificado, deu, enfim, a tarefa por concluída.

Na hora marcada todos entraram no ambiente. Em uma sala confortável, com cadeiras acolchoadas e ar-condicionado, ficavam o juiz, o diretor da prisão, as testemunhas, a família do preso, advogado, um pastor evangélico trazido pela família, dois guardas armados e o oficial de justiça responsável por puxar a alavanca. Por uma janela de vidro via-se a sala da cadeira elétrica, para onde dois guardas conduziram o condenado. Sem qualquer resistência o homem sentou-se e teve o corpo preso à cadeira pelos tornozelos, punhos, pescoço e, finalmente, colocada a coroa mortal na cabeça. Após a leitura da sentença e da lei que legitimava a aplicação da pena, a ordem foi dada ao oficial de justiça que acionou a alavanca e definiu o destino de João de Oliveira Padilha.

Bernardo assistiu a tudo, resistindo aos pensamentos

que se insinuavam em sua mente, tentando se convencer de que tudo aquilo era um fato perfeitamente aceitável, amparado pela lei do país, que aquilo era a justiça. Ainda com o cadáver na cadeira, mediu e testou peças e fios novamente, dando o aval para que o serviço funerário pudesse retirar o corpo e limpar o local.

O emprego parecia mesmo perfeito. Bernardo recebia, sem atrasos, um salário condizente com sua profissão e trabalhava muito pouco. Naqueles primeiros meses foi chamado apenas três vezes para o serviço. Resolvia-se tudo em poucas horas e retomava sua rotina de serviços avulsos.

A nova renda já resultava numa vida mais tranquila e confortável. O único inconveniente era a imagem daquela pessoa no momento em que a cadeira era ligada, tremendo violentamente, agitando todo o corpo e emitindo o som de um grito sufocado. Isso permanecia em sua cabeça por alguns dias depois de cada execução. Ficava também a lembrança de um cheiro de queimado que misturava odores de carne assada, plástico e cabelo chamuscado.

Incômodo um pouco maior aconteceu na quarta ou quinta vez em que foi chamado para fazer o seu simples serviço de eletricitista. Depois de testar toda a instalação cuidadosamente, Bernardo esperou os procedimentos da execução. Os guardas colocaram o condenado na cadeira. O juiz preparou-se para ler a sentença do infeliz quando se deu por conta de que o carrasco oficial não estava presente. Neste momento um guarda entra no local e avisa que o senhor carrasco acaba de sofrer um acidente, justamente no trajeto para o presídio. O tal acidente não foi de grave consequência. Apenas uma queda da motocicleta e uma fratura na perna, mas, daquele modo, não poderia comparecer à execução marcada.

Aparentemente a tarefa deveria ser adiada, mas o juiz chamou Bernardo e o diretor para uma conversa reservada.

Argumentou que cada execução da pena capital era cercada de certas pressões. São protestos de grupos defensores dos Direitos Humanos, a imprensa noticia tudo. A família do condenado tenta rever o processo, advogados buscam adiar o resolvido. O juiz pediu para que Bernardo substituísse o executor, o que evitaria transtornos para todos. Bernardo tentou esquivar-se. Não quis demonstrar medo ou má-vontade e questionou a legalidade da substituição. O juiz, já impaciente, explicou que tinha autoridade para nomeá-lo carrasco, considerando inclusive que Bernardo era, afinal, um funcionário do estado, mas ao mesmo tempo livre para recusar-se a fazer o que lhe era pedido.

Na dúvida entre o que pareceu certo e errado, mas levado por uma argumentação bem educada e cheia de autoridade, Bernardo concordou em colaborar. Afinal, era apenas puxar uma alavanca. De algum modo, aquela poderia mesmo ser uma tarefa para qualquer eletricista.

Percebendo o olhar meio perdido e um certo tremor nas mãos, o diretor cochichou para Bernardo:

– Meu caro, não se preocupe. Você está só ligando uma tomada. Aquele homem já está morto mesmo. Aliás, foi ele quem fez o próprio destino. Depois, meu amigo, veja só: passou por advogado, promotor, juiz, testemunha, processo, julgamento, recurso, enfim... O senhor não tem nada a ver com isso.

Neste momento o oficial de justiça e carrasco entrou na sala, com o punho enfaixado pendurado por uma tipóia e o pescoço protegido por um suporte ortopédico. Pediu desculpas pela hora em que chegava, apenas poucos minutos antes da execução.

No meio da tarde Bernardo já voltava para casa. Não tomou o ônibus como de costume. Resolveu caminhar um pouco. Tentava dizer a si mesmo que era normal sentir-se



desconfortável pelo acontecido, ainda que nada tenha feito além da sua função costumeira. Cumprido o dever, julgou-se um simples cidadão, um trabalhador comum, um electricista como tantos, incapaz, portanto, de compreender a justiça e a lei, culpas, penas e responsabilidades. Decidiu, enfim, torcer e rezar para que o senhor executor nunca mais se atrasasse nem muito menos faltasse ao serviço.



## cemitério

Lá pelas cinco e meia da tarde, a menina e o menino entraram no cemitério, como vinham fazendo quase todos os dias nos últimos meses. Luzia, com seus onze anos e Tiago, com dez, nem perceberam que, depois de passar o dia brincando com as outras crianças da rua, queriam ficar sozinhas por algum tempo. Depois das gudes, bonecas, carrinhos, jogos, esconde-esconde, queriam somente conversar, coisa que por si só poderia parecer muito chatas para crianças, pois conversa, para os pequenos, geralmente acontece no meio da brincadeira, nunca é o próprio fim. É porque tem uma hora em que certa maturidade vai chegando, em pequenos movimentos que só são notados quando se amontoam, ou não se notam nunca, pois ser adulto é continuação de uma mesma coisa. Para aqueles dois foi desse jeito também.

Sempre se fazem cemitérios um tanto afastados das casas, pois os mortos precisam de descanso e os vivos não querem morar à porta de cemitérios. Mas também não podem ficar muito longe, pois o cortejo fúnebre não precisa ser penoso, já basta a tristeza de quem o segue e a fadiga de quem carrega o caixão. O problema é que o tempo passa para as cidades e o cemitério, nem tão perto nem muito longe, vai sendo cercado de casas, calçadas, ruas e postes. E assim, ficam os vivos em uma mórbida vizinhança e ficam os mortos sem descanso, submetidos ao barulho do povo, dos carros, buzinas, música, anúncios em alto volume e todos os outros ruídos e inconvenientes da cidade. É muito provável, verdade

seja dita, que nada disso incomode os habitantes do cemitério, pois estão mortos mesmo, por sorte deles, ou azar, isso depende de cada morto.

O caso é que ali, na cidade de Cruz das Almas, o cemitério já contava com numerosa vizinhança, incluindo-se aí as casas das famílias de Luzia e de Tiago. Depois do dia de brincadeiras da rua, as mães chamavam as crianças às casas para tomar banho e se preparar para o jantar. Entre uma coisa e outra sempre sobrava um tempinho e os dois, que moravam em casas lado a lado, apareciam às portas, que davam bem defronte à entrada principal do cemitério. A cada dia daquele encontro cotidiano foram chegando mais para o portão e para dentro do lugar, movidos, pensavam eles, pela curiosidade infantil de ficar olhando as lápides com as datas e nomes, bem como as estátuas de anjos. O pôr-do-sol fazia dali um lugar realmente bonito, embora crianças não se importassem muito com a beleza do poente.

Depois de algumas semanas daquele habitual encontro, os dois já ficavam ali, sentados numa tumba mais elevada, pertencente à dona Mariana Figueira das Neves, nascida em 1902 e falecida em 1975, de onde se via a paisagem de cruzeiros, anjos e santos, bem como boa parte das ruas próximas ao lugar. Era frequente que transeuntes, passando por aquelas ruas, vissem ao longe a silhueta dos dois, sentadinhos entre túmulos com as perninhas balançando no ar e se assustassem com aquela visão. Para quem se impressiona fácil e crê nessas coisas, naquela hora de crepúsculo, tão terrível quanto bonita, quando não é claro nem escuro, não é dia nem é noite, aquela imagem poderia parecer dois fantasminhas a tagarelar. Os dois, muito vivos, no entanto, dedicavam-se à conversa sobre meninices, ou ficavam sem conversar nada, pois assunto falta, às vezes, a casais de qualquer idade e o silêncio, quando cúmplice, pode ser até mais acolhedor que um animado falatório. E assim o

dia findava, a noite invadia o céu, o cemitério e as almas de vivos e mortos. Às vezes lua, as primeiras estrelas e as mães gritavam na porta “Tiago”, “Luzia”, “pra dentro”, “a janta tá na mesa”. E assim terminava aquela pequena hora, tão ligeira e graciosa.

Mas, nessa tarde, Tiago já estava lá sentado sobre a tumba de dona Mariana, quando Luzia sentou-se ao seu lado e foi falando “vou embora. Meu pai vai trabalhar em outra cidade e a gente vai se mudar”. Alguma coisa em Tiago deve ter se entristecido muito, mas ele não sabia bem o que era. Pra todos os efeitos, na superfície da infância, Luzia era só mais uma amiga da rua, das brincadeiras, como as outras meninas do bairro. Só um adulto poderia perceber o que já se passava entre os dois e, por isso, Tiago não expressou qualquer reação àquela notícia, além de um silêncio e um olhar quase paralisado para Luzia, que por sua vez olhava fixamente para as nuvens pegando fogo no pôr-do-sol, percebendo, pela primeira vez, que era algo muito bonito de se ver. Assim ficaram por alguns longos minutos. Pensando bem, esse silêncio e esses olhares foram uma reação e tanto ao fato novo.

“É lindo, né?”, Luzia quebrou o silêncio. Tiago olhou o pôr-do-sol e não viu nada de mais. “Eu tenho uma coisa pra te dar”, disse ele. Estendeu a mão fechada para Luzia e foi abrindo devagarzinho. Um dente de ouro reluziu na mão do menino. “O que é isso?”, perguntou Luzia. “Acho que é um dente. Encontrei aqui no cemitério hoje de manhã. Guardei pra você. É de ouro”. “Você roubou de um morto?”, Luzia perguntou rindo. “Não, eu não. Tava aí no chão. É seu, é presente”. “Eu quero, vou guardar. Obrigada”. Luzia pegou o dente e ficou olhando como se fosse uma jóia, o que, de fato, passava realmente a ser desde o momento em que Tiago decidiu fazê-lo de presente.

“Que dia você vai embora?”, perguntou o menino.

“Meu pai disse que no final de semana a gente já vai fazer a mudança. Já alugou casa e tudo na outra cidade. Meu pai é assim, a gente só fica sabendo das coisas na hora”. “E você quer ir?”. Eu não, mas não tem jeito”. “Eu nunca mais vou te ver?”, perguntou Tiago. “Não sei, como vou saber?”. Tiago passou os olhos pelas lápides e pela primeira vez pensou nos mortos que ali estavam e pela primeira vez também pensou que tem coisas que não são pra sempre, para as quais nada pode ser feito, que as coisas morrem ou podem ser definitivamente perdidas. Não chorou naquela hora, mas deve ter percebido sua primeira desilusão nessa vida.

Uma lua nova, que já estava no céu desde cedo, foi ficando amarela e brilhante. Uma das mães chamou “Luzia” ou “Tiago” e os dois se foram para as suas casas.

Gostosinha, a menina na beira da estrada com o dedo pra cima, camiseta justa, bermudinha jeans e mochila rosa nas costas. No som do carro rolava Metallica, tocando Orion.

– Vai pra onde? Perguntou Tião pela janela.

– Vou pra Juazeiro, mas se o senhor for pra alguma cidade no caminho já adianta. Disse Marina entrando logo no fusca.

– Ah, eu vou até Fortaleza, você deu sorte.

Era meio da tarde em Feira de Santana, sol quente, cheiro de fumaça de caminhão na saída da cidade.

– Juazeiro da Bahia... Cidade boa. Eu gosto. Já tomei muita cerveja na beira do rio. Você é de lá?

– Eu não, nem conheço. Vou pra trabalhar.

A música do Metallica termina, começa The Cult, tocando She Sells Sanctuary.

Uma hora depois de conversa e rock, Black Sabbath terminando Sabbra Cadabra e Marina pergunta:

– Ô, rapaz, você só ouve esses rock doido, é?

– É gata, só posso ouvir rock.

– E que disco é esse aí?

– Não é disco não. Tá tocando mp3. Esse som pega pen-drive e aí fica rolando um monte de coisa, eu deixo tudo misturado. Você conhece isso aí que tá tocando?

– Eu não. Não gosto, curto mais som romântico.

– Pô, isso aí agora é Jhetro Tull, saca só essa flauta,

isso é uma obra-prima do rock, cê precisa ouvir mais que aí aprende a gostar.

E Tião começava a explicar a história da banda e falar da música, porque era assim, se o guitarrista morreu de overdose, que vertente do rock era aquela, o que dizia a letra. Enquanto o Pink Floyd tocava *Wish You Were Here* ele contou desde a loucura de Syd Barret até o fim da banda. Ao som de *Lucy in the Sky with Diamonds*, contou a versão que Yoko Ono decretou o fim dos Beatles. Quando soou *Ando Meio Desligado*, disse que Os Mutantes foi a banda mais importante do rock brasileiro. Papo de roqueiro que não interessava muito à garota, mas ela gostava porque sabia que ele estava tentando impressionar.

A conversa de Tião divertia Marina. Tudo parecia bem encaminhado. Fim de tarde, o por do sol é bonito no sertão, a placa na beira da pista anunciava a cidade de Capim Grosso e The Police tocava *Walking on the Moon*.

– Marina, minha linda, vamo dar um tempo aqui em Capim Grosso. Tem uma pousada legalzinha mesmo. A gente come um bode assado, toma uma gelosa, depois dorme e amanhã cedo a gente se manda.

– Dorme é? Sei não, cê tá me levando pra história. Olha, eu tô sem dinheiro pra ficar gastando, posso seguir viagem, pegar outra carona.

– Que é isso, gata? Tô convidando. Se preocupa com nada, não. Vamo só descansar, ficar numa boa.

AC/DC tocava *Give the Dog a Bone* quando chegaram à pousada. Deixaram mochilas, tomaram banho, treparam, foram a um bar qualquer comer bode assado, voltaram pra pousada, treparam de novo e dormiram. Sempre que entravam no fusca Tião ligava o som do carro e o rock rolava.

Dia seguinte “– Bom dia, você é muito gostosa, gata”. Treparam mais uma vez. Tião pagou a diária. Entraram no



carro, que mal se moveu e Tião ligou o som. Santana tocava Oye Como Va.

– Ai, que saco, já vai ligar esse rock de novo. Minha cabeça parece que tá dando choque elétrico.

– Ô gata, tem que rolar um rock. Relaxa que é legal.

– Não é doidice, não? Tem que ficar esse som o tempo todo?

– Olha, deixa eu te falar uma coisa: Eu tenho que ouvir rock no carro direto, entendeu?

– Não! Não entendi, não. Por que tem que ouvir essa zoada o tempo todo?

Rolling Stones tocava Driving Too Fast.

– Escuta... Eu tenho um trato. Assim... Um trato com um cara, e minha parte no trato é ouvir rock no carro.

Alguns segundos, solo de guitarra. O olhar de Marina era aquele, com a sobrelha meio torta e um sorrisinho de quem está um tanto espantada com o que ouve e achando meio ridículo.

– Trato... Com um cara. Que cara?

– Um cara. A gente faz um trato, o cara ajuda a gente a se dar bem na vida, e a gente tem que dar alguma coisa em troca, entendeu?

Marina começou a achar graça.

– Tá...tipo pacto com o Diabo? E deu uma risada alta, enquanto um caminhão ultrapassava o fusca perto de uma curva.

– Ô menina, não precisa falar o nome, não.

Marina continuou rindo muito.

– Por quê? Ela vai aparecer? E ria.

– Olha, não fala assim que ele não gosta.

– Adorei essa história. É muito idiota, mas eu gostei. E ria. – Você é muito engraçado, Tião. Você parece um ator de televisão.

– Nem sei por que eu falei isso pra você.  
– O Diabo não leva a alma das pessoas pro inferno?  
– Isso era antigamente. Agora ele quer aproveitar as coisas do mundo.

– E porque ele mesmo não vem aqui e ouve o rock dele?

– Não é assim, não, menina. Presta atenção: o cara é apaixonado pelo mundo, entendeu? Ele gosta da gente, da humanidade, das coisas que a gente faz, sabe?

– Sei...Marina ainda ria.

– Mas ele não é gente, de carne e osso. Ele é de outro mundo. Ele precisa de alguém daqui pra poder sentir as coisas. É assim que funciona, a humanidade sempre fez isso, nós oferecemos comida, presentes, velas, sacrifícios de gente e de bichos, músicas, só assim os seres do outro lado, todos eles, podem provar o que temos aqui.

– E ele não vai levar sua alma?

– Não, meu trato é esse. Ele ouve pelo meu ouvido. Aí quando eu tô ouvindo uma coisa, ele também ouve. Eu tenho que ouvir rock sempre que andar no meu carro. Até morrer. Depois, se tiver depois, eu tô livre.

– Olha, na verdade eu nem gosto dessas brincadeiras. Eu não acredito em nada, não. Eu sou à toa, mas minha mãe é evangélica. Tô rindo porque tô achando graça mesmo. E se você parar de ouvir, o que é que acontece?

– Ah, no começo eu tentei, tem hora que enche o saco, mesmo. Mas aí começa uma dor de cabeça, um zumbido no ouvido. Começa de leve, bem de leve, aí vai aumentando até que não dá pra aguentar mais.

– Então tá bom. Quer dizer que o Diabo gosta de rock pauleira?

– Ah, a gente não ouve só rock pauleira. Quer dizer, tem rock pesado também, mas tem todo tipo de rock. Ele

gosta de muita coisa.

No som, Jimi Hedrix tocava Foxey Lady.

– E ele te disse o que é que tem que tocar?

– Não, eu sei na intuição, na sensibilidade. Tem coisa que eu erro.

– E como é que você sabe que ele não tá gostando?

– Ah, vai dando o tal zumbido no ouvido, tem hora que é um enjoo, assim, na barriga. Com o tempo eu fui sabendo, percebendo.

– E vocês gostam do mesmo som?

– Nem sempre. Ele detesta o U2, por exemplo. Eu gosto, tento ouvir, mas ele não deixa, não tolera.

– Mas U2 é rock, eu sei porque meu irmão ouve lá em casa.

– Ah, mas ele não gosta não. Acho que é porque os caras têm uma mania de ser bonzinhos, sabe? Bono, o cantor da banda, é metido a querer salvar o mundo. Sei não... Acho que é por isso, ele não gosta do papo furado dos caras.

– O Diabo gosta de roqueiro malvado.

O som tocava Dark of Matinee, do Franz Ferdinand.

– Não é malvado, é que rock bom fala de rebeldia, curtição, de viver a vida, de mulher gostosa, de pegar a estrada, que nem a gente tá fazendo agora. Mas tem dia que eu tento umas coisas diferentes e ele aprova. Ele curte Astor Piazzola, por exemplo.

– Que banda é essa?

– Não é banda, é um cara, argentino. É tango. Sabe tango? Não tem nada, nada a ver com rock. Mas ele curte mesmo. Não sei, tem uma vibração, uma energia, os instrumentos, quem sabe?

– Mas o seu pacto com o Diabo não deu muito resultado. Esse fusca não é grande coisa. Você não tinha que ser muito rico?

– Menina, eu já fui hippie, já fui mendigo. Morava na rua quando fiz o pacto. Comia lixo, fumava pedra, eu ia morrer. O que importa é de onde você está. Para o que eu era, me dei bem. Mas ele continua me ajudando, vou melhorar de vida mais ainda. E meu fusca é arrumadão, qualé?

E lá se foram, com Tião explicando como funcionava o seu pacto com o Demo e Marina rindo de tudo sem levar a sério. Como qualquer mulher pensaria, ela achava que era mais uma história inventada para diverti-la e, portanto, ouviria qualquer bobagem, pois o que importava era o sujeito tentando mantê-la interessada.

Deep Purple tocava Speed King quando o som do carro começou a falhar. Tião foi ficando nervoso. Dava pancadas no aparelho, suave muito e xingava baixinho, como quem reza. Marina notou. Pearl Jam tocou Alive e no final da música, no solo de guitarra e bateria, o som parou de vez, limitando-se a um chiado baixo.

– Porra. Já começou.

– O quê, Tião?

– A dor de cabeça.

Com um tom de voz de ironia e incredulidade, Marina argumentou:

– Mas a culpa não é sua, Tião, o som pifou.

– Não, menina, ele não quer nem saber. Ele quer que eu cumpra o trato.

Tião parou o carro na sombra de uma árvore. Era perto de uma curva e antes havia uma placa que avisava “ponte estreita em curva sinuosa”. O sol parecia que ia queimar tudo, mas soprava uma brisa leve.

– Marina, cê sabe dirigir?

– Sei, Tião. Isso resolve?

– Escuta, tem uma cidade pertinho daqui. Senhor do Bonfim. Vinte minutos, mais ou menos.

– Senhor do Bonfim, olha só o nome da cidade.

– Deixa de gracinha com essas coisas que ele não gosta. Você vai pegar esse carro e vai até lá. Procura uma oficina de som de carro e manda consertar o aparelho. Se precisar, você pode até comprar outro. Aí você volta pra me buscar, tá?

– Deixa de brincadeira, Tião. Já tá exagerando.

Tião colocou a chave do carro na mão de Marina e algum dinheiro. O vento aumentava.

– Vai. Tô falando sério.

Tião sentou numa pedra. Já parecia mais calmo.

– Você nem me conhece direito. E se eu pegar o seu carro e me mandar pra Juazeiro? Vendo esse seu fusca e você fica aí com sua conversa besta.

Tião olhou pra Marina com um sorrisinho.

– Eu não sei se você é disso, menina, mas acho melhor você pensar bem. Você ouviu a história toda. Esse carro tem dono. E não sou eu, não. Se você não voltar eu nem me preocupo. Nem sei o que ele faria com você. Eu vou esperar e se eu ver que você tá demorando muito, vou a pé. Depois compro outro carro, outro som e tudo. Se eu cumprir meu trato, o outro lado me ajuda. O que eu não posso é andar nesse carro sem o som ligado.

– Eu nem tenho carteira de motorista. E se a polícia me parar?

– A polícia não vai te parar. Isso eu garanto.

Marina olhou pra Tião como quem tenta decidir ou descobrir se está ouvindo uma verdade ou uma mentira. O vento era forte e levantava folhas e muita poeira. Marina entrou no carro e partiu.

A brisa era calma uma hora depois, quando Tião, deitado na sombra da árvore, ouviu um motor conhecido e a voz de Janis Joplin cantando Maybe. Marina nem desligou o carro, passou para o banco do carona e gritou: Vambora.

Tião sorriu e pulou.

– Porra, gata, você é demais. Nem demorou.

– O cara da oficina disse que era só um fio solto. Eu quase vendo essa merda de fusca. Nem acredito que levei a sério essa besteirada sua.

– Tião deu uma risada alta e o carro partiu. Led Zeppelin começou a tocar Tangerine.

## **o caso do outdoor**

O delegado chegou à cidade de Teolândia do Norte ao meio-dia, com o calor insuportável do sertão em pleno janeiro, e as roupas empapadas de suor, dentro da viatura sem ar-condicionado. O assassinato do vereador exigiu viagem imediata, pois a urgência da investigação é normalmente proporcional à importância do cargo da vítima. “Direto pra prefeitura!”, disse o delegado ao cabo que fazia as vezes de motorista, e ao mesmo tempo de segurança, já que andava bem armado, como devem andar os policiais. “Aliás, não, passe primeiro pela praça, quero ver o local da confusão, não acredito que a merda que me falaram me fez vir neste fim de mundo”. Assim fez o cabo, obediente como não pode ser de outro jeito, e lá estava a enorme fila da romaria diante da placa. “Povo besta da porra” resmungou o delegado, tirando os óculos escuros por um segundo, como quem precisa ver a coisa de outro jeito para tentar acreditar, e coloca os óculos de novo, já que o que viu é aquilo mesmo.

Essa infeliz história começou uns meses atrás, por ocasião da festa do santo padroeiro da cidade. A paróquia, zelosa pelo sucesso da festa, interada das modernidades do marketing, sabendo da importância de uma boa divulgação, mandou fazer um anúncio numa placa de outdoor. Afinal de contas, a palavra divina deve ser propagada em todos os meios possíveis, assim está recomendado nas escrituras, e só assim também a igreja poderá angariar mais fiéis, para serem salvos pela palavra divina e também, é necessário, para se manter a

igreja com dízimos, esmolas e contribuições. A tal placa fica justamente em um terreno da praça central, defronte para a igreja matriz, a placa de um lado e a igreja do outro. A imagem do santo aparecia na propaganda, com a data da festa e a respectiva programação, que incluía a quermesse, a novena, a alvorada com fogos de artifício e os shows com as bandas religiosas.

– Então esse furdunço todo é por causa de uma maldita placa de outdoor? O delegado perguntou já respondendo, iniciando assim a reunião com a pretensão de resolver o problema que se instalou naquela cidade e que já causava seu primeiro ato de violência. Como se pode esperar de todo problema que demora a ser resolvido, mais ainda os que envolvem a fé do povo, a propriedade e o dinheiro de alguém.

– Doutor delegado, – disse-lhe o presidente da câmara de vereadores – devo avisá-lo. Se o senhor tem o mínimo de fé cristã, não deveria usar esses termos para falar do caso. Faz muito tempo que a peça em questão deixou de ser uma simples placa, e chamá-la de maldita, então, chega a ser uma heresia.

Passada a festa do padroeiro, retiradas as bandeiras, limpeza feita na praça da sujeirada de comida, bebidas, garrafas, sacos plásticos e outras porcarias que essas estas produzem, desmontados os palcos e sonorização, ficou apenas o anúncio da festa, na placa, com a imagem do santo no lado esquerdo e as informações do lado direito, incluindo os apelos exortando a fé e a alegria do povo. Como é comum nesses casos, a placa fica com o anúncio antigo até que outro venha a substituir o vencido.

Passados uns quinze dias, o novo anúncio que deveria ser colocado seria o da boutique da dona Marta da Silveira, referindo-se à nova coleção de Moda Praia para o verão que se aproximava. O único colador de anúncios da cidade era



seu João do Carmo, católico praticante, temente a Deus, homem pacato, honesto e trabalhador. Como sempre fazia, nem olhou o anúncio que deveria colar, colocando cada quadrado de papel conforme a ordem que lhe foi dada. Ao colar a primeira metade da propaganda viu que se tratava de uma enorme foto de uma mulher de biquíni, com o enquadramento da foto bem na buceta da modelo, mal coberta pelo triângulo de tecido acetinado azul clarinho com ondinhas desenhadas em outro tom de azul, mais escuro, em contraste perfeito com a pele bronzeada da moça, enfeitada ainda com pelinhos dourados que se espalhavam pelo pedaço de perna. João do Carmo parou o trabalho por ali, recolheu o material, foi-se embora e a placa ficou assim mesmo, metade santo, metade buceta. O colador procurou seu Manoel Padilha, o dono da placa, para o qual entregou o balde de cola e as folhas de papel com o resto do anúncio.

– Então o dono das placas de outdoor da cidade era também vereador, que agora é o morto... – Disse o delegado, como quem pergunta, mas apenas ajeitando o rumo da conversa.

– Pois é – respondeu a prefeita – o João do Carmo disse que não ia colar foto de mulher pelada em cima da imagem do santo padroeiro da cidade. O Manoel, dono da placa, nem ficou contrariado naquela hora, foi até compreensivo, disse que entendia as razões de seu João, e que ia contratar outro colador de placas, de alguma outra cidade, que viesse colar o resto da propaganda.

– E se foi desse jeito, tudo não ficou resolvido? – Perguntou o delegado.

Cabe esclarecer que nesta reunião estavam a prefeita, o presidente da câmara de vereadores, a juíza da comarca, o padre responsável pela paróquia, além do delegado e também seu Vitorino, dono do terreno onde a placa estava instalada.

Todos bastante preocupados com a comoção que agitava a cidade e paralisava a vida social do lugar.

Continuando a história e respondendo a pergunta do delegado, quando João do Carmo deixou o serviço pela metade, a conversa se espalhou pela cidade e todo mundo reparou naquela placa, com o santo de um lado e a gostosura de mulher do outro. O resto da tarde foi de risadaria pelos cantos, e como outro colador já não chegaria no mesmo dia, a placa ficou daquele jeito. João do Carmo foi pra casa dele, disse que não ligava pra conversa nem pro riso do povo, o que importava era sua fé, sua consciência tranquila por não consumir a ofensa ao santo e, por tabela, ao próprio Deus, que ao fim é quem age por intermédio dos santos e, certamente, quem também é vítima das ocasionais desfeitas, como esta em questão. Já seu Manoel ficou fazendo graça do episódio no boteco da praça, tomando a cachaça de sempre de fim de tarde, aproveitando para fazer popularidade, dizendo que respeitava a fé do colador, mas pagando uma rodada de pinga para prolongar a algazarra.

Mais tarde, quando a cidade toda dormia, caiu o inesperado, o inusitado, o imprevisível. Caiu uma chuva. Ligeira, nem muito forte, nem muito vento, nada alagou, aquela chuva que só faz mesmo molhar o chão. Uma chuva que seria igual a qualquer outra, se não tivesse molhado a placa do outdoor e descolado somente o lado do biquíni, sem que nada mais se visse, nem buceta, nem ondinha, nem pelinho, apenas umas manchas azuladas e papéis frouxos do lado do santo, que, por sua vez, ficou em perfeito estado, do jeito que estava no dia anterior. Antes mesmo que a manhã estivesse completa e a luz inteira do dia iluminasse a praça, já havia quem declarasse feito um ato do próprio santo ao estragar a imagem da perdição de biquíni. Não demorou até que a primeira beata se ajoelhasse diante da placa para rezar ao santo

que, no entendimento dela, se fez diretamente presente, em gesto concreto, ali na cidade. Lá pro meio-dia uma pequena aglomeração já estava em volta da placa e o barulho de rezas e cantilenas se avolumava, junto com a conversa por cada rua e esquina.

– Foi aí que acabou a graça para o velho Manoel. – Disse a prefeita – Ele saiu soltando fumaça pelas ventas, dizendo que a chuva só estragou um lado da placa porque a cola ainda estava fresca. Disse que o papel da propaganda de biquíni não estava colado direito, não tinha nada de extraordinário no ocorrido, que o povo era ignorante e não tinha o que fazer.

– Não adiantou nada. – Emendou a juíza – No fim do dia já era uma fila na frente da placa, e já tinha gente dizendo que tinha se curado de reumatismo de vinte anos, aliviado dores de cabeça, arrancado mau-olhado, revertido impotência em velho, era o santo da placa já fazendo toda sorte de milagres.

O delegado olhou para seu Vitorino – O senhor não é o dono daquele terreno, por que não fez nada?

– E que diabo eu ia fazer com aquele povo todo que se ajuntava em volta da placa? Eu aluguei o terreno pra seu Manoel botar a placa dele, que, aliás, causou toda essa confusão. Ele é que ia ter que resolver. Além de dono da placa o homem era vereador também, uma autoridade. Meu aluguel eu ia cobrar no fim do mês, com ou sem romaria.

– E a briga que deu na morte do vereador, como é que aconteceu? O delegado quis saber.

Essa se deu na manhã seguinte, quando o vereador e dono da placa, agora bastante apressado, pegou sua camionete e foi na cidade vizinha, buscar um colador de placa que fizesse o serviço. Desceram do carro ele e o colador e foram abrindo caminho no meio do povo. Quando chegaram no pé da placa deram de cara justamente com João do

Carmo, que estava rezando por ali, e resolveu lhe dizer uns desaforos, acusando-lhe de ter causado um grande problema e gerado graves prejuízos ao seu negócio. João do Carmo, já com pose de profeta, respondeu dizendo que apenas foi um instrumento do santo. Seu Manoel perdeu a cabeça de vez e avançou sobre João do Carmo, com as mãos no seu pescoço. Na confusão, não se sabe ao certo como tudo aconteceu, mas o resultado é que o agressor caiu duro, sem que se possa saber precisamente a causa mortis. É possível que, no gesto de defesa de João, seu Manoel tenha caído e batido a cabeça no chão, morte mais comum que se imagina. Ou ainda que tenha sofrido um fulminante infarto do miocárdio, resultante da raiva que sentia pela situação, levada além do limite ao ver João do Carmo com ares de pregador diante da sua placa de propaganda. O fato é que o povo, tocado pela fé, embriagado pela devoção, imerso no clima místico dos fatos até aqui narrados, afirmou que seu Manoel foi mesmo atingido pela ira do santo, houve até quem viu um raio, houve também quem ouvisse o trovão, e o corpo tombou no chão, como punição por tentar agredir o agora ungido João do Carmo, bem como por tentar cobrir novamente a imagem do santo no outdoor, prova material e incontestada da presença divina na cidade.

– E não se fez uma autópsia, um exame, para se saber o que matou o homem? – Perguntou o delegado.

– Não tem nem hospital nesta cidade, delegado, muito menos algo parecido com um médico legista, ou mesmo uma polícia técnica. – Explicou o presidente da câmara – A família quis logo enterrar o falecido, pois se fosse esperar por qualquer investigação o corpo certamente ia começar a feder. Veja bem, o senhor só chegou aqui dois dias depois do ocorrido, imagine uma viatura do instituto médico legal?! Depois, com a prisão de João do Carmo, a família se deu por satisfeita.

– E se aqui nem tem delegacia, onde prenderam o homem?

– No posto da Polícia Militar, disse a juíza da comarca. Temos que decidir o que fazer, e, se for o caso, o senhor deverá conduzir o suspeito para a delegacia da capital. A decisão é minha, mas preferi esperar esta reunião.

Os dois policiais responsáveis pela segurança pública da cidade, para dar uma resposta à população, prenderam o João do Carmo. A polícia não deve deixar nada sem resposta, muito menos se a morte for de uma autoridade, menos ainda se alguém que se possa chamar de suspeito esteja ali, ao alcance da mão e desarmado. Assim são treinados e instruídos os policiais. O resultado disso é que, além da romaria em torno da placa, estabeleceu-se também uma vigília na porta do posto policial, aumentando a fama do João do Carmo, agora guardião da fé do povo de Teolândia do Norte.

– Entendo que o João do Carmo deve ser libertado imediatamente. – Pronunciou-se o padre.

– Mas ele é o suspeito que temos, o único que pode ser responsabilizado pela morte do vereador e por essa confusão que se armou um nosso município. O que diremos à família do falecido? – Questionou o presidente da câmara.

– Isso podemos resolver, digo, nossas justificativas à família, – continuou o padre – o fato é que tudo o que não precisamos é de mais um herói, de mais um santo do povo. Logo lhe serão atribuídos milagres e poderes divinos, e sua condição de preso só aumenta a sensibilidade da população.

– Mas eu pensei que a igreja gostasse de santos e de milagreiros em geral. – Ironizou o delegado.

– O João do Carmo não está preparado pra isto, é um homem simples, um trabalhador... Foi levado a esta situação um tanto pelas circunstâncias, e outro tanto pela vaidade, alimentada pelo falatório geral. Se isto aumentar ainda mais,

não se sabe onde pode chegar, o que ele pode dizer, que outros problemas poderá causar.

– Entendi. – Disse o delegado – Santo bom é santo morto, como se dizem dos poetas e também dos bandidos.

– Pode até querer se meter na política, se candidatar, entrar em partido, certamente terá popularidade e poderá fazer estragos. – Ponderou a prefeita – Pensando bem, eu também prefiro que o acusado seja solto.

– Bem, não se tem prova de que foi ele o causador da morte do vereador. As testemunhas estão dizendo todo tipo de coisa. Podemos relaxar o flagrante. – Disse o delegado, sabendo o que todos ali queriam ouvir.

– Diremos à família que será aberto um processo. – Disse a juíza – O acusado não tem antecedentes criminais, tem residência fixa, não oferece risco à sociedade, pode muito bem responder em liberdade.

– Então, isso está resolvido. Mas e a placa, o santo, aquela gente rezando? – Perguntou seu Vitorino, preocupado com o destino do seu terreno.

– Isso não temos como reverter. – Disse o padre. – Derrubar a placa seria causar confusão maior. O vereador já tentou se opor à fé do povo e deu no que deu.

Concordando com o padre, a prefeita tentou continuar o raciocínio:

– Acho até que a peregrinação poderá ser boa para nossa cidade e também para a paróquia, não é padre? A placa é de madeira da pior qualidade e já está velha. Daqui a uns meses vai se estragando até cair. Não dura mais de dois anos e o papel do anúncio também vai se acabar em menor tempo ainda.

– Então algo deve se feito quanto a isso. A prefeitura poderia construir uma estátua do santo, no mesmo lugar da placa. – Sugeriu o padre. – O povo tem o direito de professar sua fé.

– Serei indenizado pelo terreno? – Perguntou seu Vitorino, a esta altura o mais preocupado naquela reunião.

– Melhor que isso... – Disse a prefeita já demonstrando certo entusiasmo. – A julgar pelo movimento destes dias, que só tem aumentado, será grande a quantidade de gente no local. O senhor sabe, onde tem gente tem comércio! O senhor terá a exclusividade dos negócios que podem surgir com a peregrinação. O povo vai precisar comer, abrigar-se da chuva e do sol, vai querer comprar imagens do santo, o terreno é grande, quem sabe até um hotel poderá ser construído ali, hóspedes não vão faltar.

Seu Vitorino manteve o jeito preocupado e, depois de um certo silêncio e uma passada de olhar em todos os presentes, disse:

– Prometo pensar no assunto e dar a resposta ainda hoje. A proposta pode até ser boa.

– Não acredito que tenha outro jeito, seu Vitorino. A não ser que o senhor queira enfrentar aquele povo todo, coisa que não deu muito certo para o nosso vereador. O que podemos fazer agora é administrar os acontecimentos de modo que as coisas sejam conduzidas para o melhor interesse da nossa comunidade. – Disse o padre.

– Se é assim, vocês resolvem as coisas do céu que eu resolvo as coisas da terra. – Disse o delegado, já visivelmente entediado. – Vou lá soltar o preso, e tudo fica na mão da justiça, seja lá o que isso for. Vou me embora daqui logo em seguida. Boa tarde e boa sorte pra quem fica.

– Use sua autoridade, delegado, diga-lhe que foi solto pela bondade das pessoas de bem desta cidade, mande-o ficar em casa, longe de tumultos, e, de preferência, falando pouco.

– Disse a prefeita.

E assim, diante dos mistérios do sagrado e do sobrenatural, o melhor que os homens podem fazer é adotar as mais

acertadas providências. Tomadas as melhores decisões para o bem do povo e da fé. A reunião acabou e todos seguiram para suas tarefas, muito havia a ser feito. Por sua vez, os milagres do santo da placa haveriam de se multiplicar nos anos seguintes.



## O espelho

A partir de hoje já não posso mais sair de casa. Eu posso andar e acho que seria melhor se tivesse a opção de estar aleijado. Eu não sou um prisioneiro e melhor seria até se fosse este o caso. As portas estão abertas, eu tenho pernas fortes, mas de casa já não posso sair.

Eu nem desconfeiei, naquele dia em que cheguei na primeira esquina da minha rua e tentei lembrar se havia trancado a porta. Voltei para conferir e sim, estava a porta trancada. Ou dias depois quando, ao me sentar à mesa de trabalho, percebi que não havia calçado as meias. Eu, sempre tão alinhado, tão cioso da minha aparência, tão atento ao olhar alheio, ali estava, sem meias com meus sapatos de couro. Mas não, de nada desconfeiei, era apenas um esquecimento acidental, uma falta de atenção.

Nem lembro quanto tempo levou para que estas aparentes pequenas bobagens se tornassem cotidianas. Sei mais ou menos quando elas começaram a me incomodar, como no dia em que bati a porta com a chave dentro e só me dei conta ao chegar em casa, à noite, e tive que sair à procura de um chaveiro. Ou quando meu peixe dourado, meu único bicho de estimação, meu peixe de mais de três anos, morreu porque o deixei mais de três dias sem comida.

Era cansaço, pensei, tirei férias e fui passar uns dias no interior. Era a vida sedentária e eu entrei em uma academia. Era a alimentação e eu comi brócolis, rúcula, frutas da estação e parei com as frituras. Era televisão demais, deixei de ver as

novelas e voltei a ler uns livros.

Ninguém poderia admitir, nem a outra pessoa nem consigo mesmo, que a própria cabeça está parando de funcionar. Resisti, e no trabalho, escritório de contabilidade de empresa grande, onde levei tantos anos para ser reconhecido com responsabilidades, senhas de sistema, acesso a contas bancárias e bom salário, onde sempre fui tão eficiente, ali foi se mostrando evidente meu desmoronamento. Recorri a agendas, alarmes, anotações, quadros de avisos. Culpei a secretária, menti sobre os prazos, acusei os subordinados, fingi para o diretor-geral. Ficou impossível disfarçar ou evitar os atrasos, as pendências, os preenchimentos errados, as multas pelos impostos não recolhidos, as ausências injustificadas nas reuniões.

Até chegar o momento insustentável. O diretor ordenou que eu tirasse uma licença e, em conversa muito discreta e reservada, em tom benevolente, exigiu que eu fosse ao médico. Ao médico eu fui. Mal de Alzheimer.

Ainda bem que tenho parentes que cuidam bem de mim. Sou-lhes muito grato, mas a cada dia é mais difícil lembrar seus nomes. Eu leio as notícias de jornal, mas elas não fazem o menor sentido. Lembro de minúcias cristalinas da minha infância e não sei dizer se já tomei café da manhã.

Um espelho. Eu sei que isso em minha frente é um espelho. Mas quem é esse homem, tão estranho?

## **punhal de prata**

*“Eu sempre andei sozinho  
A mão direita vazia  
A mão esquerda fechada  
Sem medo, por garantia  
De encontrar quem me ama  
Na hora que me odeia  
Com esse punhal de prata  
Brilhando na lua cheia”  
Alceu Valença*

O primeiro presente que eu dei a Maria Karla foi o punhal. Presente que eu não comprei, talvez tenha ganhado, talvez tenha achado. Pra ela eu disse qualquer coisa, que levei no jogo, ou de pagamento por um serviço. De algum modo, mentindo não estava. O fidumaégua caiu morto, cuspidando sangue. Tentou tirar o punhal, tempo não teve. Ladrão eu não sou, sei lá quantos matei, mas roubar, de ninguém! Só nesse dia, o punhal do morto brilhou diferente. Era de prata, cabo enfeitado, ponta pra cima, jeito de antigo, coisa fina, todo invocado. Se não ia servir mais pro morto, então não foi roubo, era meu de direito, já que ia ser usado contra mim, se o sujeito fosse mais ligeiro.

O que é que foi feito, e também aquilo que não foi, pra que eu seja do jeito que sou? Isto não pergunto, nem pro tempo, nem pra Deus, nem pro destino, já que não tive pai ou mãe pra perguntar. Fui criado de qualquer jeito, quase sem comida,

quase sem casa, quase sem nome, pela rua e pela sorte. Seja lá o que sei foi o mundo que ensinou, e nunca foi pela palavra, mas pela pancada firme, e sempre doeu, e quase sempre dei o troco, provando ser bom aprendiz. E quando falta de tudo tem que sobrar coragem. E eu nem penso nestas coisas, só lembro disto nesta hora, a hora de todas as perguntas, ainda que resposta não venha. A hora que todo mundo sabe que chega, mas finge que não vai chegar nunca. Esta hora, nesta lua.

Mulher nesse mundo tem demais, para todo gosto e serventia. De cama em cama, eu nem conto quantas. Comecei cedo, pois pra quem não tem aconchego, melhor entrar logo na sacanagem, primeiro pra fugir da solidão, depois porque gosta e se acostuma. Agora mulher pra se gostar é muito pouca, se o cabra vacilar, passa a vida e não encontra nenhuma. No coração – no meio das pedras, abrigada e apertada, mas bem cuidada como mais nada tratei – foi uma só. Maria Karla, essa morena, assim com K.

Mulher é tudo igual, passei a vida ouvindo e dizendo isso. Querem sempre a mesma coisa e fazem tudo do mesmo jeito. Na chateação, na artimanha, no defeito e na qualidade. Mas tem o dia que o cabra encontra aquela, a que tinha que ser, a que nem esperava, mas que quando vê acha até que já estava de encontro marcado. Nada demais ela tem que noutra não se encontre. Um riso, e toda mulher dá risada, mas é o dela que acho mais graça. Peito, rabo e buceta, já tive de tudo o que é jeito, mas resolvi e tá resolvido, tudo dela é o que mais me agrada. Assim que nem qualquer outra, talvez mais esperta, mais arisca, desaforada, dessa natureza de mulher que o sujeito sabe, não vai ser moleza passar a vida de perto, todo santo dia, na mesma casa.

A morte, pra mim, era meio de vida. Coisa que sabia fazer muito bem, por que não trabalhar com isso? Se Deus

existe, acho que estou perdoado, pois não matei ninguém com raiva, nem por vingança, nem pra roubar. Nunca foi pessoal. E só ficava sabendo o nome do escolhido que era pra poder encontrar e realizar o contrato. Se mereceu, nem quero saber. É tão somente um serviço. Só aperto o gatilho, ou encravo a faca, é morte que eu não decido, só faço aquilo que nem todo mundo sabe fazer, por fé, por covardia, ou falta de jeito, três coisas que eu não tenho.

De toda sorte, o amor de Maria Karla eu desejei como nenhuma outra coisa nesta vida, mas não me desfez em quase nada. Não ia me virar em outra coisa. Sempre joguei quando quis, bebi o tanto que tive vontade, comi toda mulher que queria me dar. É dela que eu gosto, disto ela não podia duvidar. Botei casa, comprei de tudo e do bom, ia fazer um filho nela, mais dia menos dia.

Esta cidade é grande, mas fofoca é coisa que corre igual a vento. Minha profissão eu conseguia deixar escondida, mas a vagabundagem eu não disfarçava. Tem sempre gente invejosa para dizer que me viu não sei onde, com não sei quem, fazendo não sei o quê, umas vezes era verdade, noutras mentira, mas sempre me encrencava com Maria Karla. Ela ameaçava, ela xingava, um dia vou-me embora, um dia tu me paga, você ainda vai ver. Eu nunca liguei, mas o dia chegou, ou noite, pra não haver engano.

Lua cheia, eu com a cabeça mais cheia ainda de cana. A mulher que eu quis pra mim, mais que a qualquer outra, com o punhal de prata que eu dei de presente, virada no capeta comigo. Desprevenido eu não tava, porque confiar mesmo, em ninguém eu confio. Quem mais ama tem sua hora de ódio, e Maria Karla me amava, disso eu tinha certeza, e de quase mais nada eu tinha certeza nesta vida, muito menos na hora da morte. Mas eu vi Maria Karla e fiquei besta, fui de boca pra beijo, virei criança querendo o abraço. Na luz da lua só se

vê o que se quer, não vi a raiva no olho dela. Eu que já matei tanto cabra valente, caí de vez no passeio. Não deixei de amar aquela mulher, nem agora, nem neste minuto que aqui me resta, com a morte me fungando o pescoço, me cegando as vistas, me embaralhando as ideias. Acho que ela vai sofrer, vai se consumir de remorso, ela não queria me matar, tava com a cabeça enturvada, ferida de ciúme, mas tomara que ela se ajeite, que arranje um sujeito que a trate bem, que tenha uma vida decente. Debaixo desta lua, com um punhal bonito afundado no peito, a última coisa que penso é no riso de Maria Karla, e que este é até um jeito bom de se morrer.

## tragédia no edifício atlântida

Era pleno incêndio. A luz das chamas já iluminava aquele pedaço da avenida com um alaranjado bem bonito. Deve ter começado no primeiro andar, pois, àquela altura era mais intenso e se espalhava para o alto. Braços de fogo escalavam o prédio enquanto embaixo, no asfalto, uma pequena multidão já estava formada, meio assombrada e meio feliz pelo espetáculo que rompia a rotina da cidade.

Vicente de Almeida voltava do seu pequeno passeio da boca da noite. Depois que fechava a loja de sapatos, caminhava pelas ruas do comércio de Itabuna. Acompanhava o fechamento das outras lojas, o movimento dos carros e funcionários se apressando ao final do expediente. O barulho o distraía e também reconfortava. Por alguns momentos esquecia-se dos seus dramas pessoais e morria um pouco menos de saudade da filha que fora embora para a Espanha. E como é longe a Espanha! Tão longe que os telefonemas quase diários foram rareando. As fotografias enviadas pela internet são ainda piores, pois, a cada imagem que chega, Vicente vê sua filha diferente e a tarefa de reconhecê-la estava ficando difícil e dolorida.

Foi caminhando na cidade e fugindo destas divagações incômodas que Vicente demorou a perceber o tumulto que estava armado no caminho de sua casa. Só quando ficou complicado caminhar entre as pessoas na calçada que ele notou algo errado e parou para compartilhar a curiosidade. Nesta hora a multidão se diversificava com a chegada ruidosa das

ambulâncias e até uma equipe de reportagem de televisão. O fogo aumentava e gritos horrendos já podiam ser ouvidos partindo do interior do prédio. Nos andares superiores, pessoas quebravam os vidros das janelas e imploravam desesperadas por socorro.

Clarice Matos levava o cachorro poodle para passear. Fazia um ano que o marido a deixara para casar com mulher vinte anos mais nova que ela. Além de uma raivosa desilusão, Clarice se via tentando preencher um cotidiano vazio. Fazia ginástica e aulas de teclado. Filhos crescidos e morando sozinha, as horas sobravam gigantescas. Ainda assim, ou por isto mesmo, se atrapalhava nos compromissos que forjava, e dedicava-se exageradamente ao cachorro.

Clarice hesitou em parar para ver o incêndio, mas lembrou-se que já não tinha pressa para voltar pra casa. Parou e puxou conversa com o até então desconhecido Vicente, com qualquer frase óbvia como “nossa, como é que aconteceu?”. Resposta mesmo Vicente não tinha, mas deve ter dito algo igualmente tolo como “pode ter sido eletricidade, curto-circuito”. O fogo aumentava ainda mais e a fumaça densa saía por todos os lados do edifício. A multidão se assustou mesmo quando advogados, contadores e secretárias começaram a se atirar lá de cima, e se espatifavam no asfalto. Um barulho seco se ouvia quando os pobres diabos se chocavam no chão. Parte da multidão corria e os gritos aumentavam.

Uns dois meses depois, Clarice e Vicente viajariam de navio para a Espanha. Passariam uns dois dias na casa da filha de Vicente e em seguida conheceriam outros lugares da Europa. A partir daquele encontro os dois dividiriam a vida que lhes restavam. Descobririam o amor que julgavam impraticável àquela altura de suas existências e já nem mais era cogitado. Redescobririam os excessos da paixão que podem agitar qualquer coração humano, não importa os anos de vida, ao



mesmo tempo em que perceberam as vantagens do sentimento maduro. Compartilhariam os pequenos planos, as coisas desimportantes a se resolver, se ocupariam nas discordâncias que tanto divertem os casais. Seriam, enfim, um para o outro, o sentido e a distração necessários para viver, que as pessoas procuram umas nas outras.

No dia seguinte, os jornais da cidade exibiam grandes manchetes sobre o acontecido: “Trinta e oito mortes na tragédia do Edifício Atlântida”, dizia uma delas. A polícia, é claro, não sabia o que tinha causado o fogo, mas iria investigar criteriosamente, assim garantia um comandante. Listas com os nomes das vítimas também constavam nos jornais, além dos depoimentos de familiares e testemunhas do fato. O incêndio foi assunto por vários dias nas esquinas, pontos de ônibus e salões de beleza. Não se percebeu, ninguém viu o encontro da mulher triste com o homem cansado.



## **o quinto suicídio de sabrina miranda**

Certamente o homem sentia-se muito bem arrumado, com aquela camisa verde listrada e mal-abotoada por dentro das calças, sapato engraxado e o cabelo cuidadosamente penteado. Sabrina o achou meio brega, ainda que visse nele um certo charme de pistoleiro, com a barba curta e meio branca, e o revólver na mão. O sujeito conversava muito perto da garota, dizendo gracejos inoportunos para quem está vendendo uma arma. “Não é todo dia que faço negócio com uma menina tão bonita”, disse, colocando o trinta e oito delicadamente na mão de Sabrina.

Foi num belo entardecer de quinta-feira, entre os sons dos carros, pedestres e pássaros, sob a sombra das acácias floradas, era setembro... E Sabrina se atirou na frente de um ônibus. Quanta atrapalhão em uma suicida amadora! O ônibus não ia tão rápido e o motorista freou bruscamente ao ver a garota de blusa vermelha correr cruzando o asfalto. Conseguiu apenas um atropelamento patético quebrando a rotina do centro da cidade. Desmaiada, muito mais pelo susto autointingido do que pelo impacto, foi logo socorrida por tantas pessoas gentis e solidárias, e acordou duas horas depois, no hospital, com apenas escoriações leves. Os parentes perguntaram como tudo aconteceu e Sabrina disfarçou, alegando que tentava atravessar a rua e não tinha visto o ônibus.

Caminhado graciosamente pela rua com um revólver que pesava na bolsa, Sabrina estava convicta de que agora não haveria falhas. A arma seria testada em lugar seguro e de-

serto, na praia, talvez. O tiro será na t mpora, sem chances de sobrevivência, pensava confiante. Um prazer raro ela sentia, quando misturava o medo da morte com a satisfa o de um plano realizado.

Triste por qualquer coisa, vítima das frustra es da juventude, não se sabe ao certo, talvez um namoro malfadado, foi o que levou aquela menina a pensar que queria morrer. O atropelamento a fez perceber apenas que deveria fazer a tarefa de modo mais bem planejado, pois, além de não atingir o objetivo, quase se viu em um grave vexame, salva disto por ninguém perceber que se tratara de uma tentativa de suicídio. Decidida a não repetir o erro, Sabrina enfiou a navalha no pulso esquerdo. Trancada no banheiro, sozinha em casa, foi tomada pelo pânico quando o vermelho brilhante do seu sangue jorrou no piso branco e reluzente. Desmaiou sem tempo de um corte minimamente bem feito, muito menos de cortar o outro pulso, como se vê nestes casos. Poderia até ter morrido, apesar disto, não fosse seu pai entrar em casa mais cedo que de costume, e ter logo percebido o sangue que escorreu por baixo da porta. Sabrina acordou no hospital novamente, e agora, sim, teria que dar explica es diante do pânico que tomou conta de toda a família.

“A vida   minha” pensava, passeando com seu revólver. Tentava se convencer disto, sabendo que o mundo pensava o contrário. A vida não   assim, tão dela mesma, como todo ser humano gosta de imaginar. Depois de cortar o pulso esquerdo, Sabrina percebeu que só   possível manter a ilusão de ser dona da própria vida se seguir as regras e não surpreender muito quem nos rodeia. E que estes todos estão sempre de olhos muito abertos para nos vigiar, e com a língua afiada para um julgamento sempre pronto e preciso. Rebelou-se! Agora já não era simplesmente o caso de querer morrer e já nem se lembrava mais o que a fez pensar nisso. O que passou a

incomodar foram os olhares atentos, piedosos e apavorados. As entrelinhas do que falavam parentes e amigos, sem tocar diretamente no assunto.

E numa morna manhã de domingo, sem coisa ao certo para pensar, Sabrina acordou melancólica. A praia pareceu-lhe deserta, o que a deixava à vontade para qualquer coisa, inclusive para entrar no mar e nadar até que voltar não fosse mais possível. O dia nublado lhe sugeria aconchego, o céu como se fosse um infinito cobertor, e morrer no mar é sempre bonito. Tudo tão perfeito e poético que a menina não percebeu o surfista que estava por ali, pouco visível por estar deitado na prancha à espera da melhor onda. Viu a garota entrar no mar e quando ela já estava em uma profundidade perigosa se aproximou com a prancha prevendo o problema. Sabrina perdia as forças e, instintivamente, contra sua decisão voluntária de afogar-se, debatia-se na água. Foi salva facilmente pelo rapaz, levada de volta para a areia, a bordo da prancha. À parte o surfista, que entendeu como um descuido de uma banhista, coisa normal que acontece, ninguém mais ficou sabendo do ocorrido.

Até mesmo quem nunca passou por apuros na água pode imaginar a aflição de um afogamento. Tal sensação, no entanto, não intimidou aquela jovem, que tornou a própria morte uma briga consigo mesma. E já no dia seguinte ao afogamento atirou-se de modo espetacular pela janela do apartamento, convicta de que seria impossível escapar de uma queda do terceiro andar. Mas o terceiro andar é queda altamente duvidosa. Mais ainda se tiver uma árvore no percurso, amortecendo a queda, como foi o caso, e é provável que tenha sido salva mesmo pela tenda do vendedor de flores. Nem é preciso relatar com mais detalhes a confusão que se formou na rua, com pétalas de várias cores flutuando no ar, crisântemos, margaridinhas campestres, rosas espalhadas pela

calçada e o tumulto de curiosos que se juntavam em torno da menina caída no chão. Espantosamente, teve apenas um braço quebrado, e novamente, bem pior, a família em desespero. Pensou em desistir e simplesmente viver. A morte começava a vencê-la ao contrário.

O psicólogo disse que ela queria apenas chamar atenção. A tentativa de suicídio era, na verdade, um grito de socorro. Mas que ridículo! Porque Sabrina Miranda pediria socorro? Não queria a piedade de ninguém, nem precisava. Sua vida era perfeita e sem problemas, menina bonita, educada em boas escolas, estudante de Direito em conceituada universidade, futuro garantido se futuro quisesse. Morrer era uma cisma, uma vontade, uma decisão que julgava soberana. Se a vida é minha, a morte também precisa ser, pensava. Tentaria apenas mais uma vez.

Sabrina chegou em casa e foi para o quarto. Agora, com o revólver, tudo seria resolvido. Não havia como escapar. Não ela escapar da morte, mas a morte era que sempre lhe fugia. Motivos para isto não tinha nem nunca teve. Pensava que vida e morte já são motivos suficientemente, sem necessidade de outros. Estar no mundo ou deixar de estar era questão que já bastava. Ao mesmo tempo sentia que já se cansava desta luta. Esta seria a última tentativa. Se falhasse, decidiu, estaria a partir de então condenada à vida. Sem mais questionamentos.

## joana e avelino

Como é que eu nunca matei ninguém? Pensou Avelino. Depois de amanhã faço setenta anos. Setenta. Vida idiota. Talvez não. Casei, tive meus filhos, estão criados. Trabalhei muito. Acho que até servi pra alguma coisa. Mas nunca matei nenhum filho da puta.

– Aquele velho, o seu Avelino. Ele é psicopata. – Disse Joana para Pedro, os dois rindo no playground do Condomínio Piedade.

– Que maldade, Joana! Falando assim de um senhor de idade.

– É sério, eu vi o velho pela janela, olhando fotos. Serial Killers guardam lembranças de suas vítimas.

– Seri...o quê?

– Serial killer, menino burro. É assassino serial, que mata em série, em inglês, entendeu? É assim que diz nos filmes policiais lá dos Estados Unidos. Vou investigar, vou descobrir algum crime dele, você vai ver.

Setenta anos. Acho que eu nem seria mais preso nesta idade, nem se a polícia descobrisse, se eu fosse julgado. Arrumo um advogado, que advogado existe é pra defender os errados mesmo. Duvido que fosse preso. Alegaria qualquer coisa.

Foi como brincadeira que a idéia apareceu na cabeça de Avelino. Pensou no aniversário e, sabe-se lá por que, veio a idéia de matar alguém. O problema é que nesta idade não é mais possível separar o que é brincadeira e o que deixa de ser. O pensamento cresceu como uma planta ligeira.

E quem eu mataria? Não hoje, mas na minha vida inteira? O Manoel das Neves, aquele amigo da Lourdinha. Eram amigos demais, eu ciomava mesmo. Eu tenho certeza que eles tiveram caso. E aquele chefe que eu tive no banco, o tal do Adilson? Canalha, safado, puxa-saco. Eu não ia com a cara dele nem ele com a minha. Me perseguiu até que foi transferido pro Pará. Teve o Juvenal, aquele vizinho do tempo que morei no Jardim Vitória, que tinha uns cachorros grandes. Todo metido a fortão, lutador de karatê. Vivia com a casa cheia de mulher, se achava conquistador, ah uma facada no bucho...

E Avelino foi desafiando a lista dos condenados no percurso sua vida. Antônio das Dores, Jailton Sousa, Wilson Alves, Hilton Nogueira, Salviano Amorim, João Cândido. Ocorreu-lhe que nunca havia sequer pensado em matar nenhum deles no tempo em que cada um o aporrihava. Mas por que mesmo? Perguntou-se. Lembrou do pai e da mãe, dos avôs e avós, da sua boa educação, da igreja que sempre frequentou, primeiro forçado pelos pais, depois por costume, até hoje, todo domingo, nunca por uma fé de verdade, percebeu enfim. Entendeu que um monte de gente o tornou assim, bonzinho, virtuoso e sob controle. Nunca mandou ninguém pro inferno.

Avelino dormiu bem como não fazia há muito tempo. Acordou disposto e revigorado. Saiu para seu passeio matinal prosseguindo seus audaciosos planos para comemorar o aniversário, sentindo-se malvado e esperto. Na saída do cinzento condomínio passou pela menina do bloco defronte. Notou mais uma vez seu olhar curioso. Já tinha visto Joana observando-o pela janela. Não gostava da menina, aquela enxerida.

– Hoje o velho vai fazer mais uma vítima.

– Qual é, Joana? Seu Avelino é gente boa, não faz mal a ninguém. Nem tem cara de assassino. – Respondeu Pedro rindo da aparente brincadeira.



– Serial killer é sempre assim, tem cara de honesto, de normal. Eles sabem se disfarçar. Mas eu sei, vou seguir esse velho e vou entregar ele pra polícia.

A quem matar? Avelino se perguntava. Vou atrás de algum daqueles infelizes que me lembrei? Tanto tempo... Sei lá onde eles andam. Seria bobagem, não tenho mais raiva deles. Aliás, não quero matar por raiva de ninguém, só não quero passar a vida sem ter matado nenhuma pessoa. Se é assim, qualquer um serve, valeria por todo mundo que me aborreceu e eu nunca fiz nada. Nunca um tiro na cara, nunca uma facada, um envenenamento, uma paulada, acho que nem um murro bem dado. Primeira coisa: comprar um revólver. Vou comprar um revólver! E à tarde Avelino já havia falado com um velho amigo ex-policia e a arma calibre 38 já estava em suas mãos.

Pela janela o assassino iniciante cometeu seu primeiro descuido, no mesmo instante em que descobriu sua vítima. Joana e Avelino se viram, ela o observando, ele manuseando o revólver. Ela teve certeza de que via um assassino. Ele escolheu a quem matar. Sou uma detetive, vou ajudar a polícia a prender um criminoso. É só uma menina, deve ter uns treze anos, mas eu me dou o direito de matar alguém, e ela é uma intrometida. Eu vou seguir este bandido e, se vacilar, eu entro na casa dele e consigo provas. E vai ser amanhã, dia do meu aniversário, que eu vou matar essa pestinha.

À noite, cada qual em seu apartamento, planejavam o próximo passo. Uma luta silenciosa entre um falso assassino e uma falsa vítima. Principiantes como detetive e como criminoso, levados pela imaginação de velho e de criança, que os tornavam semelhantes pelo erro, traídos pelas vontades de aventura, justiça e morte. A falha por julgar o outro e a falha por julgar a própria vida. O bandido, a pestinha. Prontos para o desastre no movimento seguinte.

Pela manhã, aniversário de Avelino, ele permanece na cama, fulminado pelo aneurisma que nem sabia que crescia em sua cabeça. Foi descoberto pela empregada, morto e inocente. Joana deu o caso por encerrado.

Alfredo Lima estava na academia de ginástica quando o telefone tocou. O chamado deveria ser atendido imediatamente, como de costume. Interrompeu a sessão de exercícios, tomou banho, vestiu-se e dirigiu até o hospital.

– Olá, Alfredo. Veja aqui as informações. Este é o prontuário do paciente. Morreu faz uma hora e meia. Chegou ao hospital faz uma semana. Derrame cerebral. Recebeu todo o tratamento para o caso, ficou em coma induzido, fizemos todos os exames, mas ele teve outro derrame há uns dois dias. Não reagiu ao tratamento e teve morte cerebral. A família está na sala de espera. Vou mandá-la para o consultório três, certo?

– Sim, estou indo pra lá.

Vestiu o jaleco e caminhou para o consultório três. Ao entrar, a família do morto já o aguardava. Duas filhas, um filho e uma irmã. As expressões nos rostos, como é comum nestes casos, eram combinações de tristeza, cansaço e apreensão. Alfredo disse:

– Olá, vocês são da família do senhor Bernardo?

— Sim, doutor, alguma novidade?

– Bem, sentem-se, por favor – disse, com a voz grave e simpática dos médicos em momentos tensos, e estendeu a mão indicando as cadeiras – Vejam... Vocês sabem que seu Bernardo teve um derrame e que foi muito grave.

– Sim, doutor.

– Pois é. Nós fizemos todo o possível. Seu Bernardo não reagiu e teve outro acidente vascular, faz uns dois dias.

Não havia mais nada a ser feito e hoje ele teve morte cerebral.

Uma das filhas do morto, já chorando, perguntou:

– O que o senhor quer dizer, doutor?

– Infelizmente, seu pai não resistiu e faleceu.

Os casos de doença são tristes, mas, de algum modo, quase sempre, a notícia é esperada. Bem pior são os casos de acidente, quando a família tem que saber do fim de alguém que, poucas horas atrás estava perfeitamente saudável. É claro que os parentes do tal senhor Bernardo iniciaram um ruidoso choro pela perda informada, mas logo deixaram a sala para as devidas providências. Antes, contudo, foram convencidos pelo habilidoso Alfredo a aceitar a doação dos órgãos do finado.

Realizada a tarefa, Alfredo despediu-se dos médicos conhecidos e deixou o hospital. Era início da noite e uma fina chuva caía sobre a cidade, o que não amenizava o calor do verão. Parou na sua sorveteria preferida e tentou um sabor diferente. Entrou no supermercado para comprar qualquer coisa que estivesse faltando em casa.

Foi no tempo da faculdade de Artes Cênicas que surgiu a ideia daquele trabalho. Alfredo dividia uma república com estudantes de Medicina. Com a amizade e conversas regadas a cerveja alguém fez a brincadeira. Alfredo, depois de formado, ator profissional, ficaria incumbido de dar as notícias de mortes no hospital, tarefa que parecia dolorosa para os jovens futuros médicos. Junto com muitas risadas, parecia apenas uma piada macabra. Poucos anos depois da formatura, uma das amigas da república, já médica, trabalhando no maior hospital da cidade, telefonou para Alfredo com a surpreendente proposta.

Era um emprego secreto. O hospital jamais contrataria um ator para esta missão. O salário seria pago pelos médicos. Alfredo, ator mal sucedido e com sérios problemas

financeiros, aceitou o trabalho, que lhe tomava pouco tempo, com alguns chamados por semana e garantia um salário suficiente para as despesas mínimas.

Ainda na garagem o telefone tocou novamente. Era Silvia, sua irmã, pedindo que ele fosse imediatamente para o hospital. Sua mãe passou mal e estava internada. Quando saía de volta pelo portão, o telefone tocou mais uma vez. Outro médico pedia sua presença para mais uma notícia de morte. Alfredo quase rezou para que fosse uma simples coincidência. Não era. O prontuário com o nome de dona Efigênia foi uma maneira quase insuportável de saber que sua mãe estava morta. O médico que lhe passava a tarefa não percebeu o susto e a mudez. Como por um estranho automatismo, Alfredo perguntou onde estava a família que deveria ser informada da morte daquela mulher por um infarto fulminante.

– O consultório cinco está vago. É apenas uma filha da falecida. Vou pedir para uma enfermeira levá-la.

Alfredo, desta vez, não vestiu o jaleco, e foi falar com a irmã sobre a mãe. Percebeu sua própria intimidade com a morte e viu-se, enfim, diante dela, agora frontalmente. Sem máscara, sem personagem, sem interpretação.



## **Lôro d'água**

A enchente vai levar tudo, o fim do mundo vai ser debaixo d'água, gritou o doido com os braços estendidos, em cima do banco da praça, girando o corpo como o ator que procura a plateia. Gente na rua não tinha e as casas não responderam, uma janela aqui, uma porta aberta ali, via-se a luz por dentro, as pessoas nas salas assistindo à novela. Assim estava a cidade de Cachoeira, tranquila no início da noite, até o grito do doido, depois de uma hora olhando pro nada, mão no queixo, sacola do lado. Esta barragem vai quebrar, não vai sobrar ninguém, é o castigo de Deus! Continuava seu discurso.

“Êta que o doido surtou!” Disse a sobrinha de dona Cici, que ainda não tinha reparado aquele homem desde que chegou para passar férias na casa da tia. “Não manguê, eu tenho pena do Lourival”, dona Cici repreendeu a menina. “Porque o doido invocou com a barragem, minha tia?” A sobrinha perguntou e a tia respondeu: “ele tem as razões dele, minha filha, talvez qualquer um endoidasse no lugar dele”. Lourival se acalmou depois de uns gritos, como sempre fazia e se sentou de novo no banco da praça na mesma posição que estava antes. Da janela, as duas olhavam para o lado de fora e a senhora foi contando o caso para a menina.

Dona Cici, de fato, tinha pena do doido Lôro D'água, que era como os moleques o chamavam. Tinha pena, mas também disfarçava o medo que sentia, nem precisava que ele surtasse e anunciasse o apocalipse da cidade num dilúvio. Era só ver Lourival na rua, ou sentado na praça, que ela se lem-

brava das coisas e o medo lhe tomavam por dentro, não só a ela, mas qualquer um do lugar que tenha vivido o tormento que levou o juízo de Lourival embora e deixou um pavor em todos.

Já faz vinte anos da enchente que quase acabou com as cidades de Cachoeira e São Félix. O governo do estado, recém-empossado, logo depois da vitoriosa eleição, cioso do orçamento público, precisando ajustar as contas, demitiu os técnicos e engenheiros da barragem de Pedra do Cavalo. A confusão se instalou entre o novo governo e o sindicato, enquanto as chuvas de verão caíam e encheram o lago até que mais nenhuma providência pudesse dar conta daquele mar pendurado sobre as cabeças do povo.

Da noite pro dia a água subiu de vez. Parecia obra de Deus, dada a rapidez com que a cidade foi inundada, e melhor que tivesse sido, seria mais fácil para o povo aceitar do que aquilo que se sabia. Melhor a ira do Senhor do que aquela cheia, fruto tão somente da incompetência humana e desvarios da política, sabe-se lá com quais interesses e intenções obscuras. E lá se foram 15 dias de enchente.

Havia uns dois anos que Lourival estava morando em Cachoeira, chegou de São Paulo fugindo da cidade grande, querendo sossego, dizia ele. Com um dinheirinho que trouxe, botou o pequeno comércio, boteco e quitanda, como se tem muito por aqui. Com sua aparência pouco comum na cidade, branco, alto, e com o nome que tinha ganhou logo o apelido de Lôro, o Lôro da venda. A cidade o tratou bem, podemos dizer, o negócio se estabeleceu, fez amizade, casou com Maria Helena, menina de São Félix que atravessava a ponte para ficar de conversa na venda com o paulista. Maria Helena era a preta mais bonita das duas cidades, na opinião confiável do próprio Lourival, que ele dizia e repetia todo dia, antes e depois do casório.



Muita gente se mudou da Cachoeira e de São Félix por causa da barragem, e muito antes da enchente. Quando começou a construção o povo já teve medo, mesmo com o dinheiro, os funcionários, os empregos na empreiteira, os engenheiros, as verbas para as prefeituras, os bons negócios e o progresso trazidos pela novidade. “Mas como poderia a cidade viver debaixo daquele mundo de água?” Perguntava-se o povo. “Quem garante que isso não desaba um dia?”. O governo, é claro, dava certeza da segurança da obra, mas governos em geral não são lá muito confiáveis, nem para promessas de campanha das mais triviais, muito menos para assegurar que aquela montanha de água não viria a cair sobre as cabeças da população. Essa cidade vive a um palmo do seu fim de mundo, o doido está certo, de algum modo.

Lourival ainda não era doido quando a enchente aconteceu, em 1989, disse dona Cici para a sobrinha curiosa, e continuou a contar, quando a água subiu, mais gente foi embora, era de se esperar. Maria Helena se desesperou, foi pra Muritiba, a mãe morava lá, foi uma que se mudou no tempo da construção da barragem. Pelejou para o marido ir também, chorou, ameaçou separação, ele não foi. É verdade que não se dava muito bem com a sogra, mas também não queria sair de perto do seu comércio, pois tinha ladrão se aproveitando da enchente para saquear as casas e os estabelecimentos. Os homens montaram uma guarda, se revezavam à noite e, de canoa, vigiavam o movimento na parte alagada, lanternas em punho, facões e revólveres, quem os tivessem. Soavam um alarme, disparavam tiros, se necessário, para espantar os ladrões. Lourival participava da ronda, e, com a casa alagada, dormia no sofá de algum amigo que morava na parte mais alta. Além disso, ele dizia que escolhera esta cidade pra viver, e que dela não ia sair.

A enchente começou no dia 16 de dezembro e foi até

o ano novo. Aquele Natal foi do lado de fora das casas, o povo se juntou para que os desabrigados não ficassem sem festa. Em cada praça e rua havia reuniões de várias famílias em grandes mesas arrumadas do melhor jeito que a calamidade permitia. Talvez a alegria tenha sido até maior que o possível para aquela situação. Lourival estava lá, a nossa ceia de Natal foi aí em frente, fizemos comida, teve brinde, teve reza, presentes e tudo. Ele estava preocupado e meio triste como todo mundo, mas estava bem, confiante que aquele tormento ia acabar logo, brincou com as crianças, tentava manter a animação, disse dona Cici.

Depois que água baixou, tão ligeiro quanto subiu, a tristeza ainda enchia a cidade. Foi muita gente que perdeu tudo, o povo chorava na rua, nas portas das casas, uma lama danada. Lourival também teve muito prejuízo no comércio, mas dizia que ia recomeçar, era um otimista. Ele não tinha se dado conta que tinha perdido Maria Helena pra enchente. Foi atrás dela na casa da sogra, mas ela disse que não voltava, não ia mais morar numa cidade sempre em perigo, não queria trabalhar pra ver a vida ser levada na água. Lourival esperou, achou que era medo da barragem, mas um mês depois ficou sabendo que Maria Helena já estava de namorado lá em Muritiba, e, diga-se de passagem, era um engenheiro da hidrelétrica, veio de Salvador, ela parecia que gostava de forasteiros.

Aí Lourival mudou, ficou triste de dar pena, dona Cici contava para a sobrinha, que ouvia atenta. Ele chegou a reabrir o comércio, mas foi por pouco tempo, pois o homem foi ficando amuado, não queria mais saber de coisa nenhuma, a venda foi se acabando, não tinha mais mercadoria pra vender nem nada. Danou a beber, foi vendendo tudo o que tinha, o pouco que sobrou depois da enchente, até que ficou só ele na casa e o povo, os amigos e conhecidos é que davam comida.

Um ano depois da enchente, Lourival surtou pela pri-

meira vez, bem na véspera do Natal. Começou a gritaria na praça, assim como fez hoje, dizendo que o mundo ia se acabar. É claro que quando ele fala do mundo está falando somente da cidade da Cachoeira, mas pra ele é a mesma coisa. O mundo dele já acabou faz é tempo. O povo se assustou, as pessoas tentavam acalmar o Lourival. Ver alguém endoidar já é coisa assombrosa, alguém a quem se julgava dentro da maior normalidade, que fazia de tudo dentro dos conformes da sociedade, inclusive considerado boa gente, um trabalhador, marido, educado e alegre. Alguém como qualquer um de nós, que se pensa com a cabeça no lugar. Quando se vê uma coisa assim, é impossível não pensar que a todo mundo isto pode acontecer, que um dia você é certo e no outro pode despirocar. Se isso já mete medo, Lourival ainda trazia outro tão terrível quanto, que era lembrar ao povo que estava se vivendo com uma enxurrada o tempo todo ali, guardada atrás daquele muro de pedra que agora não parecia muito forte, um murozinho mequetrefe, que se quebra com qualquer espirro do Diabo ou com qualquer cochilo de Deus.

De quando em quando Lourival dispara suas profecias, que talvez sejam mais memórias do passado que previsões do futuro. Ele fica pior quando chega o fim do ano, uns dizem que é por conta da chuva, outros que é por conta do Natal, as músicas, os enfeites, e o anúncio do apocalipse é quase todo dia. Os moleques da cidade, impiedosos como só os meninos podem ser, trataram de lhe dar um novo apelido e o Lôro da venda virou Lôro D'água. A molecada faz algazarra, gritam-lhe na rua, mas o homem não liga, parece nem ouvir, com o olhar sempre distante, aquela cara de doido que parece que está sempre tentando ver alguma coisa no horizonte, algo que se vai inalcançável, lá longe na última curva do rio, como um barco, uma mulher, um resto de sanidade.

Maria Helena se casou com o engenheiro, teve filho

com ele, já tem é neto, disse dona Cici, para terminar a história que contava à sobrinha. Bem, ela tinha o direito de dar rumo na própria vida, o problema foi dele que não aguentou o juízo. Nunca mais ela apareceu aqui, nem pra visitar ninguém. Tomou raiva da cidade, pavor da enchente, como muita gente que foi-se embora. Na certa, ela também ficou sabendo da situação do Lourival, e aí é que sumiu mesmo.

A verdade é que nesta cidade todo mundo vive com medo de outra tragédia, que pode até vir maior que a que se passou. Pode ser católico, de santo, ou mesmo os crentes, que vivem dizendo que o mundo vai se acabar é no fogo, assim está escrito na Bíblia, mas todos sabem que pode dar um problema de novo na barragem, ou coisa pior, como ela vir abaixo, e aí não vai sobrar é nada mesmo. Este lugar dorme ao lado do desastre. Uma imensidão de água, escorada na barragem até quando ninguém sabe, aquela água toda, ali à espreita, esperando a má sorte, a ira de qualquer deus, ou outra burrice de governos e engenheiros.

Lourival parou de gritar, sentou de novo no banco da praça. Dona Cici fez um prato com carne, arroz, salada e farofa. Pegou um copo de plástico e colocou um café, pôs açúcar, mexeu. Levou o prato e o café para o homem na praça, que recebeu o prato calado, não olhou pra dona Cici, não agradeceu, mas começou a comer. Assim Lourival vivia, da compaixão de qualquer pessoa da cidade que sofreu aquela enchente e conhecia bem a história do Lôro D'água. Do jeito que se pode, tratam bem o homem, pois sabem que ele foi a maior vítima daquele momento ruim, foi quem perdeu mais, perdeu a mulher e o juízo. Dona Cici entrou em casa, chamou filhos, filhas, sobrinhos e sobrinhas que ali estavam e falou, vamos continuar o trabalho, amanhã é Natal, temos que preparar a ceia, avia, meu povo, temos mais o que fazer, não pode ficar tudo pra amanhã. Vem gente de Salvador, vão querer chegar e

ter comida e bebida, Natal é assim.

Lourival se acomodou no banco da praça, ia dormir por ali mesmo. Futucou a sacola cheia de bugigangas, achou a pequena caixa de madeira. Tirou a aliança da caixa, aproximou-a dos olhos para ler o nome gravado no ouro e colocou no dedo médio da mão esquerda, olhando a rua para ver se ninguém o observava. Guardaria a aliança na manhã seguinte, como fazia todas as noites, desde que a enchente levou Maria Helena.



## **os gatos de dona antônia**

O gato atravessou a rua de terra batida, pulou a poça d'água, formada pela chuva que caiu na madrugada, passou a unha na porta de madeira velha e, como ninguém abriu, o bicho subiu pela cerca do lado da casa, deu a volta e entrou por um buraco na porta do fundo, deixado na medida mesmo para que pudessem, este e os outros, entrar e sair à vontade. Atravessou a cozinha em busca da dona, chegou à sala, roçou-se na perna de Dona Antônia, já morta, mas com o corpo ainda quente. Os miados dos gatos chamaram a atenção de algum vizinho de que havia algo errado naquela casa, toda fechada, portas e janelas às dez horas da manhã, já que dona Antônia acordava sempre muito cedo e abria as janelas, e era vista fazendo café, ouvindo o rádio ou então conversava com alguém à porta.

Isso já faz uns dois anos, coisa importante de se lembrar agora, no velório de Alaíde, a puta, em que pouca gente se deu ao trabalho de aparecer. Se era puta, a bem da verdade mal se pode afirmar, sobre isto falemos depois, é melhor que antes tratemos dos gatos, os gatos de dona Antônia, que eram em número de sete. Como veremos, os bichanos da velha tem algo a ver com o velório da puta Alaíde ou, pelo menos, disso se pode suspeitar.

Nome não tinham, ou melhor, dona Antônia os chamava pela cor, pela aparência, o que não deixa de ser nome. Eram assim: a branquinha, o amarelinho, o rajado, o pretinho, a peluda, ainda que todos fossem peludos, esta tinha aqueles pelos

de gato de raça, que os deixam com a cara larga e um jeito de gato gordo, a malhada, esta preta com manchas brancas e o ceguinho, na verdade cego de apenas um olho, resultado de alguma maldade dos meninos da rua. Sete, quem quiser que conte, e dona Antônia dizia que quando algum morria ou sumia, porque gato é bicho estranho, que desaparece e às vezes volta ou nunca mais, ela arranjava logo outro para que sempre tivesse sete. Mas por que sete, se alguém perguntava a velha dizia rindo “sete porque sete, tem que ter sete!”. É lógico que a maldade do povo se encarregava das explicações, com gente dizendo que dona Antônia só sabia contar até sete, ou que era algum tipo de bruxaria, a mulher fumava cachimbo, vivia sozinha, versão preferida de Dona Cenira, a evangélica.

Gato não morre de fome, não se aperta, dizem que tem sete vidas, disso não se sabe, mas ninguém duvida é da espartezza. Morta a dona, sem que tivessem a quem recorrer, os gatos cuidaram de si mesmos. Se espalharam pela vizinhança, buscaram novas casas e protetores, um lugar quente e comida. Não se repara muito nos gatos, pois outra habilidade destes seres é a discrição, parece até que ficam invisíveis, se assim o querem. Portanto, ninguém nem notou que os gatos se instalaram justamente nas casas dos desafetos e inimizados de dona Antônia, e, estranhamente, foram bem aceitos por seus novos donos, mesmo porque provavelmente nem notavam que se tratavam dos gatos daquela velha, suspeitos, portanto, até mesmo de terrível bruxaria. É preciso dizer que tais inimizados não eram lá de alta gravidade, rusgas elementares de vizinhos, como ocorrem em qualquer vizinhança desta cidade ou do resto do mundo. Nada, enfim, que possa gerar maiores conflitos e muito menos violência, nada que ultrapasse uma gritaria na rua ou o ruído das maledicências.

O gato vai chegando, ronda o quintal, se ganha um resto de comida vai ficando, se deixar entra na casa, se acomoda



enquanto o lugar é favorável. Certas pessoas nem percebem o novo habitante em suas casas, imaginam que é um bicho sem dono a rondar pelas imediações, buscar restos de comida, ou desfrutar de um abrigo provisório.

Desse jeito, seu Dedé, o senhorio, dono da pequena casa em que dona Antônia morava, e com quem ela vivia brigando por conta dos atrasos do pagamento, ficou com a gata branquinha. Abrigando e alimentando a pequena felina, de algum modo remediava parte da maldade que era cobrar aluguel por aquele barraco miserável em que a pobre velha morava já com tempo de sobra para que devesse ser legítima propriedade da ocupante. O valor pago era igualmente uma ninharia, quase fazendo justiça às condições do imóvel, bem como à mesquinharia do seu dono, que fazia a imoralidade de ameaçar de despejo aquela pobre senhora nos recorrentes atrasos, ou quando tentava, quase sempre em vão, aumentar o valor do aluguel. Alheia às questões pecuniárias, a branquinha se acomodou na varanda da casa de seu Dedé, onde passou a ficar deitada numa das cadeiras de plástico ou na janela. Dentro de casa não ficava, pois o novo dono não deixava, bicho só do lado de fora, berrou algumas vezes nas tentativas da gata, que sempre querem ocupar qualquer espaço, é só alguém deixar. A branquinha aprendeu e para ela a varanda e a janela estavam de boa medida, sendo que seu Dedé, sempre que chegava à janela para acender seu cigarro fedorento ainda dedicava uns afagos com o dedo indicador na cabeça da bichana, que fechava os olhos feliz da vida.

O dono da venda, seu Ceará, abrigou o rajado, que passou a viver deitado no quintal da casa, preguiçoso. O homem vendia fiado pra toda a vizinhança, e dona Antônia pagava mês sim outro não, pois a senhora vivia com uma aposentadoria miserável, e quando tinha que comprar remédios quase não sobrava nada. Seu Ceará cobrava a conta de caderneta na

mão, ameaçava não vender mais nada para a freguesa, mas sabia que não faria isso com a pobre idosa, coisa que ela também sabia. Ainda assim, os dois ficavam realmente aborrecidos com a desavença, tão pequena, por tão pouco, rasteira, e que terminava quando dona Antônia tinha o dinheiro para pagar, pelo menos parte da conta atrasada, e os dois tomavam um trago de cachaça no balcão da venda, coisa que seu Ceará só permitia para os clientes mais chegados. Pode-se pensar, por estas coisas, que lá no fundo os dois eram mesmo bons amigos, mas em assuntos de dinheiro, amizade é sempre coisa duvidosa. Além disso, para que a questão fique precisa em nossa história, é bom saber que, na ocasião da morte de dona Antônia, a conta da venda estava atrasada já fazia mais de mês. Seu Ceará estava bem zangado com a velha e falava disso para qualquer um que chegasse ao seu balcão. Dona Antônia, por sua vez, como fazia nestas situações, nem passava na porta da venda, mas mandava os moleques da rua ir buscar mantimentos e pendurar. Seu Ceará xingava o diabo, mas despachava tudo mesmo assim, pois, além da esperança que a conta fosse paga, ficaria muito mal falado na vizinhança se todos soubessem que se negou a fornecer as poucas coisas que aquela pobre senhora tanto precisava para sua sobrevivência.

Dona Cenira, a evangélica, não passava do bom-dia-boa-tarde com dona Antônia, nada de conversa. Pelas costas, falava muito mal daquela senhora, atribuindo-lhe parte com o Demo, era evidente, a mulher criava sete gatos e vivia fumando aquele cachimbo. Sete é a conta de mentiroso, são sete os pecados capitais, está escrito na Bíblia, a Besta do Apocalipse tem sete cabeças, sete é número de tudo o que não presta. Como pessoa de muita fé, temente a Deus, atribuía-se a capacidade de perceber a maldade pelos seus olhos esbugalhados sempre atentos e por algum tipo de intuição divina, “o Senhor nos fala por sinais”, dizia sempre, arregalando os olhos e le-

vantando o dedo indicador em tom profético. “Crente falsa!”, dizia dona Antônia quando a outra passava com seu bom-dia-boá-tarde, e se era igual na maledicência, pelo menos não a fazia com os vizinhos, apenas murmurava para si mesma, ou para os gatos que estivessem por perto na hora. Dona Cenira, tão sensitiva, tão atenta aos sinais, enviados, aliás, pelo próprio Deus, não percebeu nada estranho quando a gata peluda passou a rodear sua casa, nem lhe ocorreu ser um dos bichos da Dona Antônia, tratando a criaturinha a leite e pedaços de pão molhados, e dando-lhe o nome de Mimi, luxos que nunca teve na antiga casa, onde, com seus outros companheiros de telhado, vivia à base de restos de comida, ou mesmo tendo que caçar ratos e lagartixas para matar a fome.

Seu Erpídio, vizinho de fundo, teve briga por conta da cerca, um palmo pra lá um palmo pra cá, briga esta que durou quase um ano, isso já faz é tempo, os dois viviam de bate-boca no quintal. Até que, certa manhã, seu Erpídio acordou com o som de estrondos no fundo da casa e quando correu para ver, era dona Antônia tombando a geladeira até encostar na cerca. “Agora venha, quero ver o senhor mexer mais nesta cerca, meu quintal vai até onde essa geladeira ficar.” A gritaria foi daquelas, “velha maluca, ignorante”, berrava o homem, que se deu por vencido na questão da cerca, mas por conta disto mal falava com a vizinha. De maluca dona Antônia nada tinha, pois a geladeira não funcionava já fazia tempo e, além de resolver a questão da cerca, com a geladeira deitada e sem a porta, encheu a sucata de terra, e plantou pés de coentro, cebolinha e umas flores, resultando num arranjo até bonito no quintal. Pois, morta dona Antônia, além de cuidar da horta da geladeira, seu Erpídio adotou também o gato pretinho, tratando o bicho com zelo incomum para homem tão bruto. Não se esquecia da comida e permitia que o animalzinho circulasse livremente pela casa, só lhe aplicando umas vassouradas à

noite, ao fechar as portas na hora de dormir.

A gatinha malhada apareceu na casa de Aladim, o viciado, quando este almoçava tranquilamente sentado no banquinho de madeira no quintal. Miando, com cara de assustada, o rapaz pensou logo que era fome e lhe ofereceu um osso de galinha, iguaria para qualquer gato. Não jogou o petisco, mas balançava-o na mão, para atrair a felina, fazer um afago e ganhar sua confiança, sem saber que, com isso, era a gata que tinha motivos de sobra para se instalar na nova morada. De Aladim, dona Antônia tinha uma raiva danada, pois tinha certeza que ele havia entrado em sua casa e lhe roubado a televisão para comprar tóxicos, como ela mesma dizia. Certa feita, a senhora foi comprar verduras na feira, e ao chegar em casa viu a porta do fundo aberta e o aparelho de televisão desaparecido. “Foi aquele maconheiro!”, gritou a velha, sem nenhum indício de que pudesse apontar a culpa do rapaz, a não ser sua fama de delinquente na vizinhança. Era verdade que o rapaz gostava de beber e fumar a tal erva proibida, e também era um desocupado, pouco disposto para o trabalho. No entanto, a gatunagem não poderia ser provada para além da língua do povo daquela rua. Único suspeito à vista, foi alvo da raiva da mulher roubada, que por uns dias perdeu o prazer de assistir às novelas, diversão que lhe restava na vida em suas noites solitárias, até que seu Dedé, o senhorio, se compadeceu e lhe ofereceu um aparelho que sobrava, ainda que preto e branco, mas que devolveu parte da alegria da pobre senhora. A confusão não foi maior porque Aladim não estava na rua naquele momento, o que talvez tenha evitado que se desse polícia no lugar e, aparecendo somente no dia seguinte, soube do ocorrido, bem como da acusação. Negando tudo e contando com o deixa-disso dos vizinhos, a coisa ficou por isso mesmo, restando apenas a cara feia que a velha lhe lançava quando passava pela rua. Sendo autor ou não do roubo que lhe foi

imputado, ganhou da dona Antônia, mesmo sem perceber, a companhia da gata malhada, que estabeleceu com o novo dono um tipo de relação das mais simbióticas que as pessoas podem ter com seus bichos, dormindo no mesmo quarto e comendo da mesma comida, esfregando-se pelas pernas e ganhando carinhos mais que merecidos para qualquer criatura de quatro patas.

O gato ceguinho arranhou-se pelo quintal de Alaíde, a puta. Esta, aliás, como já dissemos, ninguém sabia mesmo se era puta, mas saía de casa todo dia no fim da tarde, toda arrumada, maquiada e perfumada. E todo mundo dizia que fazia vida, nunca diante da própria, pois pela frente todo mundo a tratava bem, olá, como vai, mas escondido todo mundo falava. E se todo mundo falava mal, era porque tinha coisa contra, maledicência e raiva vão sempre juntas, e dona Antônia tinha por Alaíde o mesmo que tinha a vizinhança toda, a maldade na língua e o ódio na alma. Alaíde, pouco afeita a bichos de qualquer espécie, não adotou totalmente o gato como este certamente gostaria que fosse, nem nome novo lhe concedeu, nem ligava se o bichano estava alimentado ou morto de fome, muito menos lhe dedicava qualquer gesto afetuosos como passar a mão no pelo, apenas tolerava o novo morador no quintal e lhe jogava restos de comida quando lembrava. O ceguinho, gato pouco exigente, é que adotou a casa da puta, por julgar suficiente o abrigo no quintal e as eventuais refeições.

E lá se vão dois anos desde a morte da velha dos sete gatos, e os novos donos dos bichinhos foram morrendo como moscas, incluindo Alaíde, a puta, com pouca gente no seu velório, depois de uma pneumonia que durou mais de um mês com uma tosse que se ouvia pelas casas vizinhas. Antes dela, seu Dedé, o senhorio, infartou repentinamente. Seu Erpídio, o vizinho da briga da cerca, morreu de tanta cachaça. Dona Cenira, a evangélica, engasgou com uma espinha de

peixe. Aladim, o viciado, desapareceu de um dia pro outro, conta-se que foi obra de traficantes ou da polícia. Seu Ceará teve derrame, ficou entevado no hospital por mais de duas semanas antes de morrer. A vizinhança não fez nenhuma relação entre os gatos e os mortos, pois ninguém se importa muito com gatos, se estão ali ou se deixam de estar, aliás, tem mais gente que despreza esses bichos do que os que lhes têm algum apreço. Além disso, as mortes foram acontecendo com intervalos de meses e assim, quando alguém batia as botas já se havia esquecido do enterro anterior. É preciso considerar a grande possibilidade de que tudo isso não passa de sinistra coincidência, pois gatos existem de sobra pelo mundo, pulando de telhado em telhado, e gente morre igual a gado todos os dias. E, se da velha Antônia, solitária e pobre, ninguém mais lembrava, quanto mais dos seus sete gatos, quanto mais de contar seus novos donos e mortes. Aliás, contando-se gatos e mortos, Alaíde, seu Dedé, seu Ceará, dona Cenira, Aladim e seu Erpídio, somam-se apenas seis, bichanos e defuntos.

Falta o gato amarelinho, que foi pra casa de dona Ivanilza. Esta era tão velha quanto dona Antônia, uma tão antiga no bairro quanto a outra, as duas moravam sozinhas, tão iguais que poderiam ser a mesma pessoa. Esta ninguém sabe se tinha problema com dona Antônia, mas conhecendo-se de tanto tempo, nesta mesma rua, é bastante provável que tiveram alguma desavença, algo escondido. Que uma tenha se engraçado com o marido da outra, mesmo que os dois sujeitos já não estejam nesta rua faz muitos anos, um porque foi atropelado por um caminhão e o outro porque foi embora pra São Paulo. Dona Ivanilza está bem viva, e muito saudável para sua idade avançada. Sua única companhia nesta vida é o cachorro que ela chama de Waldick, em homenagem a um famoso cantor. Waldick, o cachorro, um vira-lata grandão, cioso do seu território, ou prevendo problemas de ordem metafísica, não

simpatizou com o gato amarelinho, e, no terceiro dia em que o bichano rondou a casa, estraçalhou o felino em pedaços, para alegria dos moleques da rua que acompanharam a violenta cena com curiosidade e entusiasmo.

Formato: 14 x 21 cm

Mancha: 10 x 17,55 cm

Tipologia: Garamond (miolo), King Richard, Klavika (capa)

Papel: pólen 80g/m<sup>2</sup> (miolo), Cartão supremo 250g/m<sup>2</sup> (capa)